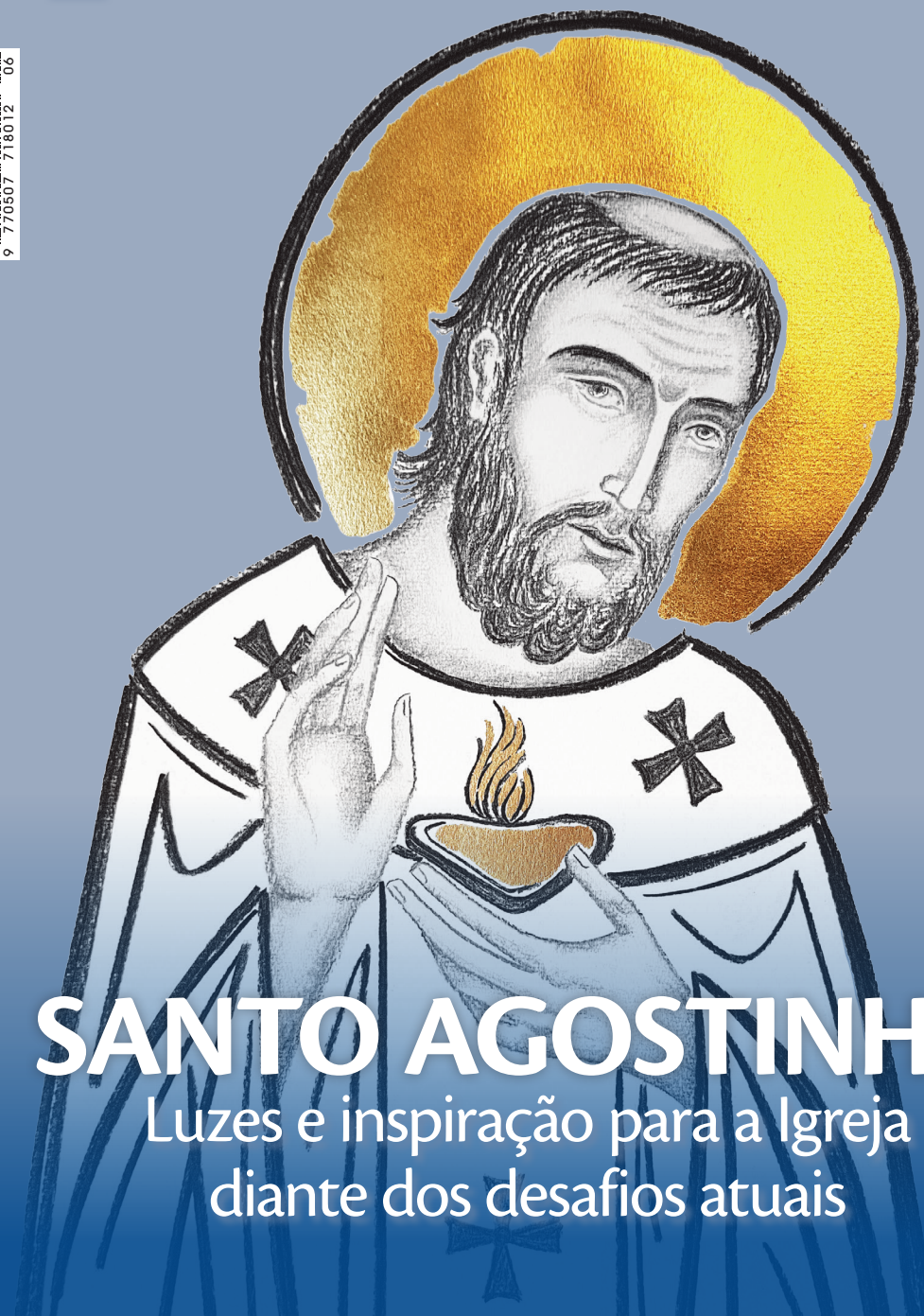
PAULUS

vida pastoral

novembro-dezembro de 2026 • ano 67 • número 372

ISSN 0507-7284
9 770507 718012 06



SANTO AGOSTINHO

Luzes e inspiração para a Igreja diante dos desafios atuais

A humanidade de Maria, revelada à luz da Palavra e da Tradição da Igreja.



ADQUIRA JÁ

Uma visão única do Pe. Gabriele Amorth, que, em sua profunda experiência espiritual, compreendeu a força do "Sim" de Maria como ninguém.

PAULUS

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
@editorapaulus

Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

Viver é peregrinar. É travessia – e, como bem nos lembra Guimarães Rosa em *Grande sertão: veredas*, "o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia". No tear do tempo, nossas existências são tecidas por fios de busca, de silêncios, de quedas, de profundas saudades e de sede de Deus – como reza o salmista: "A minha alma tem sede de vós, minha carne vos deseja com ardor, numa terra árida, exausta, sem água" (Sl 63,2). Nesta edição de *Vida Pastoral*, somos convidados a nos sentarmos à mesa com um dos maiores caminhantes da travessia da fé: Santo Agostinho (354-430), o bispo de Hipona, cujo coração inquieto continua a pulsar no ritmo das nossas próprias buscas.

A conversão não é um evento estático, um ponto final onde a alma repousa sem mais perguntas. Os místicos nos ensinam isso com propriedade; São João da Cruz já nos alertava de que, "para chegar aonde não sabeis, haveis de ir por onde não sabeis". A conversão é, fundamentalmente, um itinerário. Silvia Maria de Contaldo nos apresenta o itinerário espiritual agostiniano. Nas idas e vindas, nos labirintos interiores e exteriores de Agostinho, vislumbramos nossos próprios passos. Suas inquietações não foram erros de percurso, mas o próprio motor que o empurrou em direção à Verdade.

Essa mesma teia de humanidade e transcendência ganha contornos de prece no artigo de Heres Drian de O. Freitas. Ao debruçar-se sobre as *Confissões*, o clássico texto agostiniano, o autor nos recorda que a vida pode – e deve – ser lida como uma experiência da graça, fazendo ecoar no peito a resposta do Senhor ao apóstolo Paulo: "Basta-te a minha graça, porque é na fraqueza que a força se manifesta plenamente" (2Cor 12,9). Agostinho faz de sua memória um altar. Nele, até mesmo as marcas do pecado e os desertos da ausência são ressignificados. Sob o olhar da fé, as noites escuras da alma transformam-se em madrugadas de misericórdia. É um convite para que todos façamos o mesmo: uma leitura teológica da própria história, bendizendo a Deus por nos conduzir, em meio a tudo, à santificação, tateando em nossas fragilidades humanas.

"Tarde te amei, beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei!" A poesia agostiniana nos lembra que o amor de Deus sempre nos ganha pelo cansaço de nossas próprias autossuficiências.

Contudo, o caminho da Graça também conhece o bom combate. Como exortava o apóstolo Paulo: "Combati o bom combate, acabei minha carreira, guardei a fé" (2Tm 4,7). A fidelidade ao Evangelho exige de nós o discernimento diante das ilusões da própria existência. Cleber de Lira Farias nos oferece luzes preciosas ao resgatar o combate de Agostinho contra as heresias de seu tempo. O ontem espelha o hoje: os velhos erros reaparecem sob novas roupagens e sutilezas contemporâneas, ameaçando a comunhão e a vida entre nós, discípulas e discípulos de Jesus. Com profundidade teológica e aguçada sensibilidade pastoral, o santo de Hipona nos ensina que a verdade nunca deve ser separada da caridade. Afastar-se dos falsos caminhos é um ato de amor à vida e à Igreja, um chamado a caminhar na unidade que cura e edifica.

Por fim, a herança agostiniana atravessa os séculos e deságua no magistério da Igreja, mostrando a perenidade de sua voz. Fernando Altemeyer Junior nos presenteia com uma ponte histórica e espiritual ao traçar o perfil do papa Leão XIV e pontuar as conexões vitais entre o pontífice e o pensamento de Agostinho. Além disso, para alargar nossa meditação sobre a Palavra de Deus, temos a valiosa contribuição de Ir. Izabel Patuzzo com os roteiros homiléticos. Boa leitura!

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Editor

vida pastoral

Revista bimestral para ministros ordenados e agentes de pastoral

Ano 67 · Nº 372
novembro • dezembro de 2026

PAULUS

© PAULUS – 2026
Pia Sociedade de São Paulo
Rua Francisco Cruz, 199
04117-091 – São Paulo - SP
paulus.com.br
ISSN – 0507-7184

Direção editorial
Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp

Editor
Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp

Redação
vidapastoral@paulus.com.br

Conselho editorial
Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Pe. Darci Luiz Marin, ssp
Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp
Pe. Paulo Sérgio Bazaglia, ssp

Imagens
Romolo Picoli Ronchetti

Diagramação
Andrea Cristina Florez Marin

Revisão
Alexandre Santana
Lucas Giron

Impressão - PAULUS

Versão digital
vidapastoral.com.br

Periódico de divulgação científica.
Área:
Humanidades e artes.
Curso: Teologia.

SUMÁRIO

CONVERSÃO, GRAÇA E JORNADA ESPIRITUAL
Profa. Dra. Silvia Maria de Contaldo 4

CONFISSÕES: A VIDA COMO EXPERIÊNCIA DA GRAÇA
Me. Heres Drian de O. Freitas 12

SANTO AGOSTINHO E O COMBATE ÀS HERESIAS: LUZES PARA OS DESAFIOS DA IGREJA HOJE
Prof. Dr. Cleber de Lira Farias 20

SANTO AGOSTINHO E O PAPADO DE LEÃO XIV
Prof. Dr. Fernando Altemeyer Junior 26

ROTEIROS HOMILÉTICOS
Ir. Dra. Izabel Patuzzo (exceto Finados)
Pe. Dr. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp 34

DESTAQUE!

Folheto Missa da esperança



Adquira já

FAÇA SUA ASSINATURA DA REVISTA VIDA PASTORAL

Aponte a câmera do seu celular e saiba mais!

Para mais informações, entre em contato:
paulus.com.br/loja
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
(11) 3789-4000
assinaturas@paulus.com.br
@editorapaulus

Livrarias Paulus

APARECIDA/SP
Centro de Apoio aos Romeiros, s/nº
Lojas 44, 45, 78, 79 – Norte B
CEP: 12576-028 | Tel.: (12) 3600-9999
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU/SE
Rua Laranjeiras, 319 – Centro
CEP: 49010-000 | Tel.: (79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM/PA
Rua Vinte e Oito de Setembro, 61
Campina – CEP: 66019-100
Tel.: (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE/MG
Rua da Bahia, 1148
Ed. Arcângelo Maletta – Centro
CEP: 30160-906 | Tel.: (31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BOA VISTA/RR
Avenida Ville Roy, 5911, sala 01
Centro – CEP: 69301-000
Tel.: (95) 3212-5340
boavista@paulus.com.br

BRASÍLIA/DF
SCS – Q.1 – Bloco I – Ed.Central
Loja 15 – Asa Sul – CEP: 70304-900
Tel.: (61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINA GRANDE/PB
Rua Afonso Campos, 233 – Centro
CEP: 58400-235 | Tel.: (83) 3182-0659
campinagrande@paulus.com.br

CAMPINAS/SP
Rua Barão de Jaguara, 1163
Centro – CEP: 13015-002
Tel.: (19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE/MS
Av. Calógeras, 2405 – Centro
CEP: 79002-005 | Tel.: (67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL/RS
Av. Júlio de Castilhos, 2029 – Centro
CEP: 95020-485 | Tel.: (54) 3221-8266
caxias@paulus.com.br

COTIA/SP
Rua das Acácias, 58 – Jardim da Glória
CEP: 06711-510 | Tel.: (11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

CUIABÁ/MT
Rua Antônio Maria Coelho, 180
Centro – CEP: 78005-420
Tel.: (65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA/PR
Praça Rui Barbosa, 599 – Centro
CEP: 80010-030 | Tel.: (41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS/SC
Rua Jerônimo Coelho, 119 – Centro
CEP: 88010-030 | Tel.: (48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA/CE
Rua Floriano Peixoto, 523
Praça do Ferreira – Centro
CEP: 60025-130 | Tel.: (85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA/GO
Rua Seis, 201 – Centro
CEP: 74023-030 | Tel.: (62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

GUARAPUAVA/PR
Rua XV de Novembro, 7466, loja 01
Centro – CEP: 85010-000
Tel.: (42) 3303-2712
guarapuava@paulus.com.br

JOÃO PESSOA/PB
Rua Peregrino de Carvalho, 134 – Centro
CEP: 58010-790 | Tel.: (83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA/MG
Av. Barão do Rio Branco, 2590 – Centro
CEP: 36016-311 | Tel.: (32) 3313-4390
juizdefora@paulus.com.br

MACEIÓ/AL
Rua Barão de Alagoas, 32 – Centro
CEP: 57020-210 | Tel.: (82) 3142-0544
maceio@paulus.com.br

MANAUS/AM
Rua Itamaracá, 21 – Centro
CEP: 69010-210 | Tel.: (92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL/RN
Rua Coronel Cascudo, 333 – Cidade Alta
CEP: 59025-260 | Tel.: (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PETROLINA/PE
Rua Coronel Amorim,106, lojas 04 e 05
Ed. João Paulo I – Centro – CEP: 56302-320
WhatsApp: (87) 9801-0022
petrolina@paulus.com.br

PORTO ALEGRE/RS
Rua José Montaury, 155 – Centro
CEP: 90010-090 | Tel.: (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE/PE
Rua Camboado Carmo, 83
Freguesia de Santo Antônio
CEP: 50010-390 | Tel.: (81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO/SP
Rua São Sebastião, 621 – Centro
CEP: 14015-040 | Tel.: (16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO/RJ
Rua México, 111-B – Castelo
CEP: 20031-145 | Tel.: (21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR/BA
Rua Direita da Piedade, 75 – Barris
CEP: 40070-190 | Tel.: (71) 3321-0126
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ/SP
Rua Campos Sales, 255 – Centro
CEP: 09015-200 | Tel.: (11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO/SP
Rua Quinze de Novembro, 2826
Centro – CEP:15015-110
Tel.:(17)3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS/MA
Rua do Passeio, 229 – Centro
CEP: 65015-370 | Tel.: (98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO/SP

Praça da Sé
Praça da Sé, 180 – Centro
CEP: 01001-001 | Tel.: (11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

Vila Mariana
Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vl. Mariana
CEP: 04117-040 | Tel.: (11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA/SP
Rua Cesário Mota, 72 – Centro
CEP: 18035-200 | Tel.: (15) 3442-4300
sorocaba@paulus.com.br

TERESINA/PI
Rua Rui Barbosa, 45 – Centro
CEP: 64001-090 | Tel.: (86) 3142-1295
teresina@paulus.com.br

UBERLÂNDIA/MG
Avenida Cesário Alvim, 757, loja 01
Centro – Uberlândia
Tel.: (34) 2512-4358
uberlandia@paulus.com.br

VITÓRIA/ES
Rua Duque de Caxias, 121 – Centro
CEP: 29010-120 | Tel.: (27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

LOJA VIRTUAL
WhatsApp: (11) 3789-4000
loja.paulus.com.br

VENDAS E DISTRIBUIÇÃO
Av. Sir Henry Wellcome, 335
Pq. Alexandre
CEP: 06714-050 | Cotia/SP
Tel.: (11) 3789-4000 – 0800 016 40 11
WhatsApp: (11) 3789-4000
vendas@paulus.com.br

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR
(11) 3789-4000
sac@paulus.com.br

Profa. Dra. Silvia Maria de Contaldo*

CONVERSÃO, GRAÇA E JORNADA ESPIRITUAL



*Silvia Maria de Contaldo é doutora em Filosofia Medieval pela PUC-RS. De 1977 a 2023 foi professora da PUC-Minas. Desde 2008 é professora da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje), onde também coordena o estágio docente supervisionado. *E-mail:* silviacontaldo@hotmail.com



O artigo apresenta o itinerário espiritual de Santo Agostinho, ressaltando importantes movimentos de sua conversão em direção à Verdade. Esses movimentos de conversão são, de certa forma, os diversos caminhos percorridos por Agostinho, expressão de suas idas e vindas – tanto interior quanto exteriormente –, e dão a dimensão de sua jornada, marcada por profundas inquietações espirituais.

1. Conversão, conversões...

Qualquer jornada começa com um primeiro passo, não importa se temos de antemão o roteiro a ser cumprido para alcançar, sem sobressaltos, o destino final. Não foi esse, porém, o sucedido com Agostinho de Hipona (354-430). Em sua jornada espiritual, os passos, desde o começo, foram tropeços; os caminhos, muitos e tortuosos. Atalhos, desvios, abismos. Em tudo foi um processo que se deu em vias tensionais, tanto em territórios exteriores quanto interiores.

É lugar-comum atribuir aos santos histórias de jornada espiritual luminosa e iluminada, retilínea, cujo produto final é a conversão. Não é esse o caso de Santo Agostinho. Sua jornada é processual, turbulenta, sem fim, cujo escopo, porém, foi sempre o mesmo: conhecer Deus e a alma.[1] O conjunto de suas obras reflete esse procedimento socrático. Perguntas e mais perguntas, enredadas em premissas filosófico-teológicas, dão o tom do seu itinerário em busca de si, em busca de Deus, como se lê em *Confissões* (X, xxxvii, 62): "Peço-te, ó meu Deus, faz-me conhecer a mim mesmo aquilo que eu encontrar em mim ferido para que o possa confessar aos meus irmãos, que hão de orar por mim".

Em diferentes obras e em diversos contextos, Agostinho repetirá essa prece, pois, em sua jornada espiritual, interior e exterior são indissociáveis. Voltar-se para seu interior não significa ensimesmar-se, fechar-se, criar muros entre um território e outro. Sem esse entrelaçamento, costumamos caminhar às cegas ou, o que é pior, caminhar sob tutela alheia. Agostinho, decidindo-se por essa rota interior, passou por embarques e desembarques e nos deixou um legado sem igual. É o descobridor da interioridade, como descreveu De Boni (*apud* Contaldo, 2025, p. 142). Nessa perspectiva, pretende-se apresentar aqui importantes paragens dessa jornada empreendida por Agostinho, as quais foram decisivas no processo de sua conversão. A palavra "conversão", procedente do verbo latino *convertere*, tem suas amplitudes. Há um sentido usual no trânsito de veículos: virar à esquerda ou à direita, mudar o rumo. A conversão a um partido, a uma seita, a uma religião também implica esse movimento de alterar a rota de pensamento, de filiar-se a ideologias, de professar novas crenças, de alterar fins. Santo Agostinho fez, com efeito, muitas conversões, porém em direção ao mesmo fim – encontrar-se e repousar em Deus: "Quem me fará repousar em ti? Quem fará com que venhas ao meu coração e o inebries para eu esquecer os meus males e te abraçar em ti, meu único bem?" (*Confissões*, I, v, 5).

Suas obras são o resultado desses muitos movimentos de conversão que o levaram a alcançar a meta final. Cartas, sermões, tratados, autobiografia, diálogos são a expressão de sua jornada espiritual, de um processo de conversão cuja duração foi uma vida inteira.

1 *Solilóquios*, 2,7: Ratio: "*Quid ergo scire vis?*" Augustinus: "*Haec ipsa omnia quae oravi.*" R. "*Breviter ea collige.*" A. "*Deum et animam scire cupio.*" R. "*Nihilne plus?*" A. "*Nihil omnino.*" (Razão: "O que, então, queres saber?" Agostinho: "Estas exatas coisas pelas quais orei." R. "Resuma-as brevemente." A. "Desejo conhecer a Deus e à alma." R. "Nada mais?" A. "Absolutamente nada.")

2. Mônica

Agostinho foi um homem de grandes amizades e de grandes amores. Um deles é Mônica: "Toda [sua] obra é permeada pela presença de Mônica, sua mãe [...]. Enquanto ele tomava caminhos tortuosos, ela o seguia com lágrimas e orações, certa de que um dia ele haveria de se encaminhar por outras veredas" (De Boni *apud* Contaldo, 2025, p. 30).

De fato, Mônica estava certa, e os primeiros ensinamentos que dela recebeu, ainda que não lhe agradassem, não foram em vão: "Ela fazia tudo para que tu fosses meu Pai, meu Deus, mais do que ele, e tu a ajudava nisto a vencer o marido, a quem melhor servia, porque também nisto te servia a ti e assim o ordenavas" (*Confissões*, I, xi, 17).

A espécie humana, de emaranhada complexidade, depende, para sua sobrevivência, do leite materno. Como outras espécies do reino Animalia, o ser humano é um mamífero, da classe Mammalia. Esse alimento, recebido desde o nascimento, não se esvai. Pela vida afora permanece nutrindo – metaforicamente. Agostinho, por diversas vezes, vale-se dessa metáfora para indicar que esse alimento nutriu e fortaleceu sua jornada, apesar de nem sempre ter reconhecido seu sabor e seu valor. Por exemplo, durante sua estadia em Cartago, ele relembra que o maniqueísmo lhe oferecia "iguarias, bandejas de ficções brilhantes, ficções vãs, manjares que mais debilitava que nutriam" (Contaldo, 2025, p. 82):

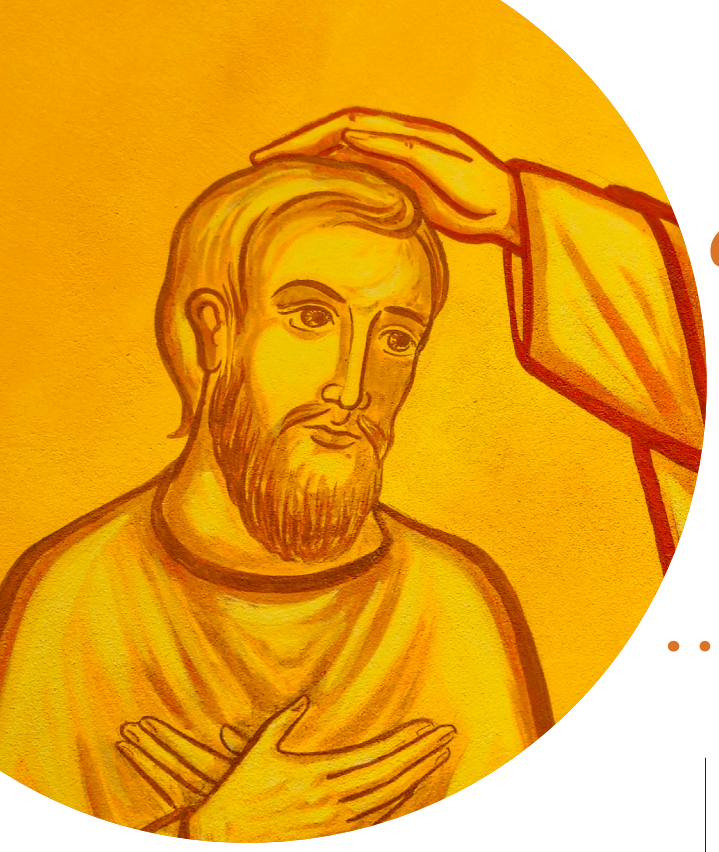
> e eu inflamava-me e ardia de desejo, e em tão grande fervor só uma coisa me desalentava, é que o nome de Cristo não estava lá, porque este nome, segundo a tua misericórdia, Senhor, este nome do meu Salvador, teu filho, tinha-o piedosamente bebido o meu tenro coração com o *leite de minha mãe*, e o retinha no mais profundo de si, e tudo aquilo que houvesse sem este nome, embora douto, polido e verídico, não arrebatava todo o meu ser (*Confissões*, III, iv, 8, grifo nosso).

Ponto de partida, força nutriz que o alimentou ao longo de sua jornada espiritual, Mônica permanecerá na pavimentação do longo caminho que Agostinho teria pela frente: "eu, iniciante em teu amor genuíno, catecúmeno em férias numa casa de campo [...] e minha mãe nos acompanhando com atitude feminina [*muliebri habitu*], fé viril, segurança de anciã, caridade de mãe e piedade cristã!" (*Confissões* IX, iv, 8).

3. Tagaste/Madaura

Madaura, cidade bem próxima à sua Tagaste, foi muito importante no percurso de Agostinho. Para lá iam os garotos para sua primeira formação escolar. Em Madaura, Agostinho tomou gosto pelos estudos, pois na base curricular, se é que podemos dizer assim, estavam autores cujas obras, tanto literárias quanto filosóficas, eram porta de entrada para novas aprendizagens que avivariam seu gosto pela poesia, pela retórica, fontes basilares que sustentaram muitos de seus escritos. Agostinho se encantou com a poesia de Virgílio (70-19 a.C.), com as fábulas do escritor e médico Apuleio (124-170 d.C.), com as odes de Horácio (65-8 a.C.), com as peças teatrais de Terêncio (185-159 a.C.), com os textos de história e de política de Salústio (86-34 a.C.), com as sentenças filosóficas de Sêneca (4 a.C.-65 d.C.) e de Cícero (106-43 a.C.), entre outros. Nessa etapa inicial de sua formação, aprendeu muito e tão bem, que seu pai, Patrício, se empenhou em levar adiante o projeto da educação do filho, tendo economizado ainda mais para que Agostinho fosse para Cartago, capital intelectual da África romana.

Em várias passagens de suas *Confissões,* Agostinho registra aquele período de sua adolescência inquieta, movida por paixões próprias da juventude, paixões pela vida, e sobre as quais ele, anos depois, iria refletir, ponderando o valor daquelas experiências juvenis. De sua terra natal, foi para Cartago, onde, como ele afirmou, recorrendo a um trocadilho, "fervia



> *Voltar-se para seu interior não significa ensimesmar-se, fechar-se, criar muros entre um território e outro. Sem esse entrelaçamento, costumamos caminhar às cegas ou, o que é pior, caminhar sob tutela alheia.*

a *sartago*" (frigideira, em latim).[2] Naquela cidade, a segunda mais importante do Império Romano, a vida estralejava em redor de Agostinho. Ali ele sofreria mudanças profundas em sua cidadela interior (Contaldo, 2025, p. 80).

4. Cartago

A longa estadia em Cartago foi significativa nas muitas conversões de Agostinho. Nesse caso, foi uma conversão ousada, na qual ele trafegou por quase nove anos. Percebendo-se a si mesmo como uma região de indigência, expressão com a qual encerra o Livro II de *Confissões*, Agostinho joga-se por inteiro em um novo caminho que, a princípio, julgaria ser o mais acertado para pôr fim à sua jornada espiritual. Não duvidava, a princípio, que a seita maniqueísta lhe daria algum refrigério:

> E eram as bandejas em que me serviam, em vez de ti, a mim que tinha fome de ti, o sol e a lua, obras tuas, belas, mas no entanto tuas, não tu, nem sequer as primeiras [...]. Mas eu tinha fome e sede, não daquelas obras, mas de ti mesma, de ti, ó verdade, em que não há mudança nem sombra de movimento (*Confissões*, III, vi, 10).

Como sói acontecer, há na juventude certa pressa de tudo descobrir e entender, acarretando equívocos que só mais tarde, com o amadurecimento, serão desfeitos, à luz de muita reflexão. Toma-se aqui a palavra "reflexão" no seu sentido genuinamente filosófico, o de pensar sobre o já pensado, flexionar-se – *flectere* – sobre o próprio pensamento. Agostinho exercitou-se à exaustão:

> Ainda não amava, mas amava amar e, tomado por uma carência mais profunda, teria detestado ser menos carente. Amando amar, queria algo para amar e odiava a tranquilidade e o caminho sem armadilhas, porque dentro de mim havia fome por falta de comida interior, por falta de ti, meu Deus; mas não estava faminto dessa fome, não tinha desejo por alimentos incorruptíveis, não porque estivesse cheio deles, mas porque, quanto mais debilitado, mais me enjoava (*Confissões*, III, i, 1).

O que fazer? Interromper a jornada, desistir, desvencilhar-se da bagagem que, ao longo do

2 Cf. *Confissões*, III, i, n. 1: "*Veni Carthaginem, et circumstrepebat me undique sartago flagitiosorum amorum*".

percurso, foi sendo enriquecida? Para Santo Agostinho, não; ao contrário:

> Quem desatará esse emaranhado de complicadíssimos e intricadíssimos nós? É feio: não quero olhar para ele, não quero vê-lo. Quero a ti, justiça e inocência bela e decorosa, com olhares honestos e insaciável saciedade. Junto de ti há repouso completo e vida imperturbável. Quem entra em ti entra no gozo de seu senhor, não terá medo e estará otimamente no ótimo. Eu escorri para longe de ti na adolescência e vaguei, meu Deus, muito longe de tua estabilidade, e me tornei para mim mesmo uma região de indigência (*Confissões*, II, x, 18).

Era chegada a hora de prosseguir convertendo e revertendo, num movimento incessante de encontrar-se e perder-se no caminho que o próprio Agostinho decidira para si.

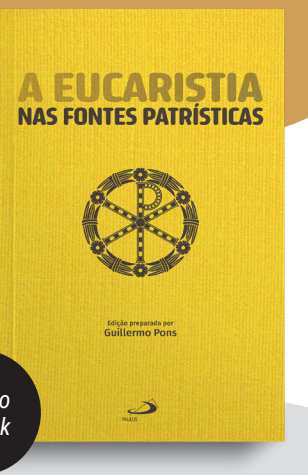
5. Roma e Milão

Fim do século IV, ano 383. Agostinho seguiu então para Roma e, um ano depois, já estava em Milão. Travessia arriscada, em muitos sentidos. Não só pela viagem marítima, mas, sobretudo, pelos inúmeros desafios que se impunham entre sua matriz cultural, a Numídia, e a urbe romana, ainda que sua inteligência inventiva e aguçada, desde a infância, lhe permitisse ultrapassar fronteiras: "Assim, quando crianças, mesmo tendo nascido e crescido no interior, já conseguíamos imaginar o mar ao ver a água, mesmo num pequeno copo; enquanto o sabor dos morangos e das cerejas-do-brejo jamais nos ocorreria antes de os provarmos na Itália" (*Carta* 7, 3,6).

Naquele momento, no entanto, não se tratava de imaginar, mas de cruzar o mar e aportar em outros ambientes, que nem sempre lhe foram favoráveis. Em Roma, ainda ceticamente desiludido, recusava outras fontes de conhecimento. Carregava consigo a experiência que a todos nós é muito familiar. Se somos atendidos por um mau profissional, tendemos a recuar

A EUCARISTIA NAS FONTES PATRÍSTICAS

Guillermo Pons



Versão E-Book

Em 12 capítulos, o autor apresenta 112 excertos dos Padres da Igreja sobre os sinais do pão e do vinho e a presença real de Cristo na Eucaristia. Esses ensinamentos são um eco vivo da pregação apostólica e oferecem a perspectiva da comunidade cristã, até então livre das divisões causadas pelas heresias.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

diante do bom profissional, a generalizar – o que pode nos causar sérios prejuízos. É o que Agostinho expressa:

> como costuma acontecer com quem faz a experiência de um mau médico e receia se entregar inclusive ao bom, assim era a doença de minha alma, que certamente não podia sarar senão crendo, mas recusava se curar por medo de crescer o falso, e resistia às tuas mãos, de ti, que confeccionaste os remédios da fé e os espalhaste sobre as doenças do mundo e atribuíste a eles tanta autoridade (*Confissões*, VI, iv, 6).

De Roma a Milão, mais uma conversão, dessa vez em busca de um cargo importante que lhe conferisse *status* e reconhecimento profissional. Em vão, pois sua bússola espiritual insistia para que caminhasse mais e mais, apontando outra direção. Ele se sentia desorientado e semelhante a um viajante que, mesmo exauridas as forças, sente e sabe que deve prosseguir: "Por isso, confidenciando-lhe eu as minhas inquietações [a Simpliciano], queria que ele me mostrasse qual era o modo adequado a uma pessoa, assim perturbada como eu estava, para andar no teu caminho" (*Confissões*, VIII, i , 1).

Àquela altura, Agostinho, *homo viator*, vivia também mais uma de suas rixas interiores – *rixa interioris* –, conforme ele mesmo diagnosticara: "Então naquela rixa violenta de minha morada interior, que engajara ferozmente contra minha alma em nosso aposento, meu coração, eu perturbado no rosto e na alma..." (*Confissões*, VIII, viii, 19).

Haveria remédio? Haveria paradeiro para tamanha perturbação? (A pergunta faz recordar outra, dos versos da linda canção *Paradeiro*: "Haverá paradeiro / para o nosso desejo / dentro ou fora de um vício?/ Haverá paraíso sem perder o juízo e sem morrer?").[3] Sim, houve o paradeiro, nos jardins de sua casa em Milão. O episódio de sua conversão não só foi descrito e analisado sob os mais diversos ângulos e interpretações, como foi também retratado por pintores geniais, como o fiorentino Benozzo Gozzolla (1420-1497). É de fato relevante que esse acontecimento, fundamentalmente estruturante na vida de Agostinho, tenha sido resultado de um itinerário cujo horizonte estava sempre um pouco mais adiante. Foi, portanto, ponto de chegada, após desvios e obstáculos; no entanto, tornar-se-ia igualmente ponto de partida para "a segunda parte da sua vida", expressão que tomamos de empréstimo a Guimarães Rosa: "[...] como a minha vida mudou para uma segunda parte. Amanheci mais".[4]

Agostinho amanheceu mais em Cassicíaco, uma vila perto de Milão, para onde foi na companhia de sua mãe, Mônica, de seu filho, Adeodato, dos amigos Alípio, Licêncio e Trigésio e de seu irmão, Navígio. Lá puderam vivenciar o *otium liberale*, conforme o próprio Agostinho definiu (*Sobre a ordem*, I, ii, 4). Também foi sob aquela linda paisagem dos Alpes italianos que Agostinho não deu tréguas à sua jornada espiritual: "E aguilhões internos me pungiam, para que eu permanecesse inquieto até te tornares uma certeza para minha vista interior" (*Confissões*, VII, viii, 12).

Não associemos a palavra "aguilhões" a sofrimentos físicos – embora Agostinho também tivesse lá os seus. Trata-se de referência às suas inquietações, que são a matéria-prima de sua obra. O batismo em Milão, após a temporada em Cassicíaco, deu-lhe caminho e direção e também agudizou suas inquietações. E agora, para onde seguir?

Há quem aprecie a conversão dos santos como a chegada ao cume da montanha. Alcançado o cimo, já não haveria nada a fazer. Ao convertido Agostinho, contudo, não bastava o cimo; importavam também os caminhos,

3 PARADEIRO. Intérprete: A. Antunes, C. Brown e M. Monte. Compositor: A. Antunes. *In*: PARADEIRO. Intérpretes: A. Antunes e outros. São Paulo: BMG, 2001. 1 CD, faixa 3.

4 ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 127.

as veredas. Sua jornada espiritual em busca da fonte não desprezou nem riachos nem ribeiras, e em cada um deles Agostinho se deteve, como bom perscrutador da alma humana.

Foi sob esses aguilhões que Santo Agostinho retornou à África e lá prosseguiu seu caminho por mais quarenta anos, realizando longas viagens interiores, que continuam a ser, para nós, ensinamentos preciosos. Por exemplo, de sua jornada espiritual que resultou em sua conversão ao cristianismo, deriva a lição de que a vida nos é dada como jornada, sem sistema de navegação por satélite:

> Eu, a quem vedes, *com a graça de Deus*, como vosso bispo, cheguei a esta cidade quando moço, como sabem muitos de vós. Estava à procura de um local em que instalar um mosteiro, para viver com meus "irmãos". Havia perdido toda a esperança neste mundo. O que poderia ter sido, eu não o queria ser, e nem tampouco buscava ser o que sou agora. Pois eu preferia ser humilde na casa do meu Senhor a viver nas tendas dos pecadores. Mantinha-me afastado de todos os que amavam o mundo, mas não me considerava à altura dos que presidiam congregações. Na Festa do Senhor, não ocupei uma posição mais elevada, porém escolhi um lugar interior e mais retirado; e aprouve ao Senhor dizer: "Levanta-te" (*Sermão* 355,2, grifo nosso).

6. Fim do caminho?

Quanto mais nos aprofundamos na leitura dos textos e das obras de Santo Agostinho, mais nos damos conta de que não haverá ponto final. Entenda-se bem. Cada obra, carta ou sermão, cada opúsculo tem princípio, meio e fim, ao mesmo tempo que não dá por encerrado, em definitivo, o assunto ou o tema em pauta. Lembremo-nos também de que Santo Agostinho trata, seguidamente, dos mesmos assuntos em diversas obras, as quais, por sua vez, foram escritas em contextos distintos. Não busquemos, pois, em Agostinho a palavra final. Busquemos as tessituras de sua jornada espiritual, as quais, traduzidas em prece, como a que se segue abaixo, poderão trazer um pouco de luz e de graça aos desastrosos e danosos caminhos que temos percorrido:

> Dá-te a mim, ó meu Deus, devolve-te a mim: eis que te amo, e, se é pouco, que te ame com mais força. Não posso medi-lo, de modo a saber quanto me falta de amor para o que é suficiente, para que a minha vida corra para os teus abraços e se não aparte, enquanto se não esconder no refúgio do teu rosto. Sei apenas que, sem ti, me sinto mal, não apenas fora de mim, mas também dentro de mim mesmo, e que toda a abundância, que não é o meu Deus, é para mim indigência (*Confissões*, XIII, viii, 9).

Concluímos a proposta de leitura desta composição triádica – conversão, jornada espiritual e graça – nessa perspectiva. Desdobrando-se em conversões feitas em amorosas caminhadas, Santo Agostinho reitera quão importante é perseverar nesse caminho – sem fim, mas com a graça de Deus, em busca de nós mesmos. VP

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AUGUSTINI, A. *Opera omnia*. [*S. l.*]: Nuova Biblioteca Agostiniana: Città Nuova, [20--]. Disponível em: http://www.augustinus.it/. Acesso em: 29 maio 2026.

BRACHTENDORF, J. *Confissões de Agostinho*. São Paulo: Loyola, 2008.

CONTALDO, S. M. *Cor inquietum*: as Confissões de Agostinho. São Paulo: Inmensa Editorial, 2025.

FITZGERALD, A. D. (org.). *Agostinho através dos tempos*: uma enciclopédia. São Paulo: Paulus, 2019.

GROSSI, V. *Agustín de Hipona*: vida, escritos, legado histórico. Madrid: BAC, 2022.

TRAPÉ, A. S. *Agostino*: introduzione alla dottrina della grazia. Roma: Città Nuova, 1990.

Me. Heres Drian de O. Freitas*

CONFISSÕES
A vida como experiência da graça



*Heres Drian de O. Freitas, mestre em Teologia e Ciências Patrísticas (Augustinianum – Roma) e membro-fundador da Associação Brasileira de Estudos Patrísticos (ABEPatri), coordena o grupo de pesquisas em Ciências Patrísticas da Faculdade São Bento (São Paulo-SP) e a Coleção Patrística da Editora Paulus. *E-mail:* hdeoliveira@hotmail.com.



As Confissões *de Santo Agostinho são uma leitura teológica da própria vida, na qual cada vivência é considerada experiência de graça – às vezes até mesmo negativa –, tendo em vista a conversão e a santificação.*

INTRODUÇÃO

As *Confissões* de Santo Agostinho são uma obra fundamental da espiritualidade, lidas com proveito por muitos desde que foram publicadas, por volta do ano 400 de nossa era. Não obstante, houve também os que se decepcionaram com o texto, talvez por sugestão do título, criando a expectativa da confissão de detalhes picantes da juventude pervertida do autor, como se costuma pensar que foi sua vida até converter-se; ou, então, por acharem enfadonha uma narração escrupulosa, que se detém em pecados aparentemente banais, como um roubo de peras (II, 4, 9ss).

A obra, com efeito, não é como as biografias a que estamos acostumados. Sua riqueza espiritual, entre outras coisas, deve-se ao fato de o hiponense reler *teologicamente* toda a sua história, dando-se conta de sua origem, de onde se encontra e de seu destino (I, 1, 1), clamando a Deus (II, 3, 5) para que Ele o liberte de situações em que se colocou com suas escolhas (III, 7, 16). Assim, sua obra é um roteiro para incutir esperança (X, 3, 4), para que o amor de Deus desperte no leitor (XI, 1, 1) e este o louve com a inteligência e o afeto (cf. *Retratações* II, 6, 1). Por isso a biografia do Doutor da Graça não consta só daquelas particularidades biográficas que caberiam unicamente a Agostinho, embora se trate de fato de sua biografia.

1. Biografia teológica

A obra verdadeiramente apresenta a vida do homem Agostinho: os dados – pessoas, fatos e até mesmo os sentimentos – são reais, ainda que o autor rearranje alguns deles (o Livro V, por exemplo, é organizado em torno de deslocamentos geográficos, enquanto o VI gira em torno de determinados personagens, sem relação com os deslocamentos precedentes; assim também, há eventos descritos no Livro IX com paralelos nos *Diálogos* de Cassicíaco, e as sequências cronológicas neles apresentadas não coincidem). Não importa! Nas *Confissões* não é fundamental a cronologia, mas os próprios fatos e os sentimentos que os precedem, os acompanham ou os sucedem, porque extrapolam para além de si mesmos: são ponto de partida para a reflexão a respeito das mais íntimas questões da humanidade – refiguradas na inquietude (afetiva, intelectual e espiritual) do coração indicada no início da obra (I, 1, 1). Ao autor, mais do que os *quês* da vida, interessam os *porquês*.

Uma vez que são ponto de partida para a reflexão, pessoas, acontecimentos e sentimentos devem ser, então, reais, biográficos, para que a reflexão a seu respeito ilumine e oriente a vida inquieta no percurso rumo à sua realização na quietude (I, 1, 1; IX, 4, 11; XII, 30, 40; XIII, 38, 53): a vida real – não sua cronologia – é o terreno de ação da graça. As *Confissões*, portanto, são biografia lida diante do dispensador da graça, são biografia *teológica*.

Não há, de fato, na obra, relato ou reflexão que não sejam feitos senão diante de um interlocutor constante, um "Tu" onipresente, que não é mero recurso literário: é um dialogante que se antecipa ao ser humano e age para

regular a desordem deste último (I, 10, 16; 20, 31) e sua agitação (XIII, 9, 10), para reconduzi-lo de seu pecado como filho pródigo – parábola (Lc 15,11-31) que, com efeito, subjaz à construção do texto.

A biografia teológica é leitura atenta da própria vida na presença do Criador e da presença dele na vida, para identificar onde se encontra a biografia e, se exilada dele – pois sempre há algum distanciamento a superar (X, 4, 5) –, poder peregrinar de volta. Para que Agostinho retorne, o interlocutor onipresente, então, mediante personagens, fatos e sentimentos, interpela-o para que se deixe encontrar por Ele.

Esse encontro, portanto, resulta da ação da graça, e é a partir dele que a graça do interlocutor começa a trabalhar no biografado, para que, depois da deformação do pecado, receba *forma*, reconfigurando em si a imagem e semelhança do Criador, até que estas se restabeleçam, perfeita e definitivamente, na eternidade (XII-XIII).

2. De que graça falamos?

No entanto, se a graça prepara para a relação e dela decorre, trata-se de uma única e mesma graça ou são diferentes? A resposta não é imediatamente evidente, sobretudo porque nosso autor não emprega o termo "graça" de modo sistemático nem define ou explica o que ela é e/ou como age – ainda que, com base no contexto, não tenhamos dificuldade de entender a que se refere.

Dom para os humildes (IV, 3, 5; VII, 9, 13; X, 36, 59), a graça brilha nos servos de Deus, gera espiritualmente (VIII, 1, 1; 2, 3) e confere o perdão dos pecados (II, 7, 15), cuja libertação se dá pelo único mediador (VII, 21, 27). Narrar uma conversão é anunciar a grandeza da graça nela (VIII, 2, 3; X, 31, 45). Por isso, a própria confissão do autor quer levar o leitor a essa mesma graça (X, 3, 4), para que, na obediência à vontade de Deus, se dê a relação em que o leitor recebe a graça e o dom do amor que esta confere (XI, 22, 28), podendo fazer

PARA LER OS PADRES DA IGREJA

Adalbert-Gautier Hamman



A publicação oferece uma introdução acessível à fé, à vida e ao pensamento dos Padres da Igreja, pioneiros da teologia cristã em seus primeiros séculos. A obra reúne textos, mapas, quadros cronológicos e ilustrações.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



algo de bom (XIII, 38, 53), regenerado no seio da Igreja (VI, 3, 4), na graça do batismo (V, 8, 15; IX, 5,13; 6, 14; 9, 22).

Em tais circunstâncias, *graça* refere-se a alguma intervenção divina – já ocorrida ou em realização – orientada para um fim de salvação em favor daquele a quem ela é dispensada. Aqui, tratar-se-ia daquilo que hoje chamaríamos de *graça santificante*, enquanto dom pelo qual Deus santifica o convertido, ou da *graça atuante*, enquanto ação divina que conduz àquela.

No entanto, nem sempre o termo alude clara e diretamente a uma ou outra, e sua compreensão talvez não seja tão imediata. Um exemplo disso pode estar na passagem em que o bispo de Hipona fala da leitura e compreensão das Escrituras (VII, 21, 27).

3. Da graça do encontro ao encontro da graça

Agostinho diz aí que aquilo que encontrou de verdadeiro nos livros dos platônicos está nas Escrituras *com a garantia da graça* divina. Tal garantia, entretanto, não diz respeito exclusivamente à verdade da mensagem do texto. Essa verdade é, indubitavelmente, afiançada por Deus mesmo, mas o é em certo escondimento.

Na doutrina platônica, a verdade se desvela a quem a busca, sem, porém, a garantia da graça, de modo que há, paradoxalmente, o risco de dispersão. Com relação à Escritura, por outro lado, a verdade é assegurada àquele que a busca humildemente, reconhecendo o próprio estado de pecado e purificando-se.

Nesse caso, a graça garante o encontro com a verdade como dupla experiência de dom gratuito: o da verdade mesma, objeto do encontro, e o de sua percepção, o ato de encontrá-la. Aí a graça garante a verdade, sua recepção e a preservação de seu recebedor contra toda soberba, e isso sem qualquer dispersão, pelo contrário.

Diversamente do encontro com a verdade na filosofia, que se dispersa na soberba, pois, como ato próprio, não admite dons nem, por conseguinte, relações, o processo específico de busca da verdade e seu encontro nas Escrituras unifica, integra e concentra.

De fato, no contexto do Livro VII, a identificação do próprio estado de pecado, a purificação e a humildade não decorrem do buscador da verdade, mas sim do acolhimento à oferta da

Como a busca incansável por Deus moldou um dos maiores doutores da Igreja:

Santo Agostinho,

uma vida que ilumina o pensamento cristão.

Um relato autêntico, escrito por seu discípulo Possídio, que revela de perto a vida de Santo Agostinho.



Um clássico indispensável que mostra como a busca sincera da verdade é capaz de transformar uma vida inteira.

PAULUS

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
@editorapaulus

SAIBA MAIS

Um pensador que ainda forma leitores, questiona certezas e conduz à verdade.

Leituras fundamentais para quem deseja compreender o ser humano, o tempo e Deus à luz das intuições de **Santo Agostinho.**



DISPONÍVEL TAMBÉM EM **E-BOOK**

PAULUS

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
@editorapaulus

SAIBA MAIS

verdade que culmina numa relação estabelecida com a Verdade, o Verbo, *princípio* e *forma* do ser humano (XI-XIII), em quem toda a vida deste último se unifica, integra e concentra. Voltar-se para Ele, porém, resulta de percebê-lo, e acolher Sua aproximação é iniciar o movimento de reaproximar-se dele (V, 2, 2; IV, 4, 7).

A garantia da graça, então, diz respeito a uma relação que só pode ser real, vital, porque só na vida, na biografia, é possível perceber aquele "Tu" onipresente cuja graça se manifesta pelo mundo a partir da criação (XIII, 18, 22), oferecendo a possibilidade da relação com ele, que se mostra, tanto na vida como na Escritura, em certo escondimento. E isso não porque queira ocultar-se, mas porque o ser humano se exila dele – fazendo-o se antecipar na busca de seu filho pródigo. Os livros de I a VII mostram o empenho na identificação da presença insinuante de Deus no cotidiano da vida do autor.

Eis por que dedicar atenção à biografia toda; não só àquele momento de percepção e acolhida da presença do Outro – ou seja, da conversão, quando o ser humano, na aceitação dos dons da verdade encontrada e da capacidade de encontrá-la, reconhece humildemente onde está –, mas também aos momentos que o prepararam. Nas *Confissões* há, portanto, o momento da graça do encontro e a graça dos momentos que prepararam esse encontro.

4. Tudo é graça

Poder-se-ia dizer que tais momentos são graça, acompanhando Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, para a qual "tudo é graça" (*Caderno amarelo*, 5 de junho, 4). Independentemente do contexto – a ser considerado, por certo – em que Santa Teresa fez essa afirmação, o hiponense com ela concordaria, mas não indistintamente.

Santo Agostinho não conhece as distinções terminológicas, legadas pelo posterior *Tratado sobre a graça,* entre, por exemplo, *graça atuante* e *graça santificante*, ainda que tenha cooperado para fundamentar tais distinções, particularmente em contexto antidonatista. Vimos, não obstante, que concebe a graça como ajuda divina para a santificação e *sugere* que seja momento de graça cada episódio de sua vida que tenha cooperado para que chegasse à graça do encontro com Deus.

Ele já distinguiria, então, a graça santificante da atuante, mas por enquanto não se ocupa disso. Só mais tarde, e noutra direção, desenvolverá melhor a doutrina. Nas *Confissões,* faltam ainda complementos terminológicos e especificações, bem como a fundamentação bíblica – embora já iniciada com a intensa leitura dos escritos paulinos no ano de 395. Mesmo assim, Agostinho não tem a menor dúvida de que Deus busque sua vida: não há como ler a biografia humana sem a presença do "Tu" onipresente que dispõe até mesmo de *recursos biográficos* para seus desígnios salvíficos, os quais ocupam a mente do hiponense quando se converte (IX, 6, 14).

Não há, certamente, comparação possível entre qualquer recurso biográfico humano e a redenção do Verbo. Todavia, em decorrência da graça da redenção, também o recurso biográfico é graça, um dispositivo para a realização dos desígnios salvíficos divinos no cuidado de cada um como se fosse único e de todos como se fossem um (III, 11, 19).

Tudo é graça, então, se "tudo" se refere àquela operação divina pela qual somos "movidos a conhecer e amar a Deus" (Burns, 2019, p. 463), ainda, como diríamos hoje, sem aumento ou estado de graça. Esse "tudo", portanto, é *graça atuante*.

> *"A graça garante o encontro com a verdade como dupla experiência de dom gratuito: o da verdade mesma, objeto do encontro, e o de sua percepção, o ato de encontrá-la."*

5. Os dispositivos da graça antes da graça

Agostinho relê sua vida na perspectiva de que Deus não só o busca, como também o faz providencialmente, proporcionando-lhe dons e permitindo-lhe/negando-lhe viver situações a fim de contribuir para que se converta. Na biografia teológica, os dispositivos da graça, aqueles elementos específicos que realizam os desígnios da Providência, são externos e internos.

Entre os externos, o autor cita, logo no início, o fato de ser Deus mesmo quem o nutre por sua mãe e suas amas, não só lhes dando o leite, mas também lhes infundindo o desejo ordenado de dá-lo à criança que era ele (I, 6, 7). No final desse mesmo livro, apresenta-nos alguns dos dispositivos internos, descrevendo-nos suas qualidades interiores – como o desejo de verdade, o desgosto do engano, a boa memória, a sensibilidade para a amizade –, e afirma: "tudo isso são dons de meu Deus; não os recebi de mim mesmo; são coisas boas e o conjunto deles constitui o meu eu" (I, 19, 31).

Em ambos os casos, temos exemplos positivos de dons fundamentais para a vida, física e espiritual, que tornam Agostinho quem ele é. Externamente positivos serão também os encontros com o *Hortensius* de Cícero, que lhe reorientará os desejos para a sabedoria (III, 4, 7), assim como com Ambrósio (VI, 1, 1), com os neoplatônicos (VII, 9, 13) e com Simpliciano (VIII, 1, 1), que lhe permitem novas perspectivas.

Por estranho que pareça, também pode haver casos de exemplos negativos que sejam significativos para a conversão. Estes podem ser igualmente externos como internos.

Uma dessas experiências negativas internas aparece no início do Livro II. Ao falar das paixões da puberdade, o hiponense conta que se abandonava a elas e se afastava de Deus, sempre "presente em sua severa misericórdia, entremeando de amargos desgostos os meus prazeres ilícitos, a fim de que eu aprendesse a procurar alegria sem ofender-te" (II, 2, 4).

Já externamente negativo é o encontro com o maniqueu Fausto, cujas respostas aos interrogativos de Agostinho o frustram, fazendo-o, ainda assim, dizer que Deus aí agiu com ele de modo admirável (V, 7, 12-13). Também negativa é a experiência com seus alunos, motivo pelo qual decide partir para Roma, entendendo, depois, que Deus, com isso, agia nele (V, 8, 14-15).

Ele não diz que o mal ou as experiências negativas sejam bons ou desejados por Deus; só entende não ser possível que eles, particularmente o mal, tendo ocorrido contra a vontade de Deus, permaneçam fora da ordem divina (I, 10, 16; 12, 19). Sob esse aspecto, tais experiências poderiam ser interpretadas como uma modalidade de *graça negativa*, porque Deus não abandona o pecador ao prazer de seu pecado, mas, pedagogicamente, permite-lhe o dissabor, a insatisfação e a desilusão como se fossem um dom.

Por fim, verifica-se que as experiências externas repercutem internamente, e o inverso também é verdadeiro: experiências internas manifestam-se externamente. Nada escapa à releitura teológica.

CONCLUSÃO: LOUVORES PELA VIDA

Como os exemplos da seção anterior, há outros. Momentos de graça que preparam o encontro com a graça, a conversão e a consequente amizade com Deus, mas não se anunciam como tais. A presença, a interpelação e a operação divinas na vida humana não alardeiam, mas se insinuam no cotidiano pelas mais distintas formas: pessoas, sentimentos, situações... nem sempre positivas.

> *"Agostinho não tem a menor dúvida de que Deus busque sua vida: não há como ler a biografia humana sem a presença do "Tu" onipresente que dispõe até mesmo de recursos biográficos para seus desígnios salvíficos."*

Nas *Confissões* não há chamados milagrosos ou apelos grandiosos para o descobrimento de Deus, mas a normalidade da vida, para a qual Agostinho, ao ser chamado, olha a fim de ver os dons com os quais ou pelos quais é instado a perceber Deus e voltar-se a ele. Tendo-o, então, encontrado, suas *Confissões* são seus louvores a Deus pelos bens e males próprios (*Retratações* II, 6), não porque Deus tenha querido estes últimos, mas porque também eles serviram de aprendizado para que brilhasse a graça. Sob a luz da graça, Agostinho descobre seu lugar, o caminho pelo qual rumar para repousar, vivendo em relação com ela. A confissão é descrição do pecado, mas também profissão de fé na presença constante daquele que, para resgatar o pecador do pecado, antepõe-se a este.

Só a leitura atenta da própria vida, na presença do Outro, permite perceber as intervenções da graça. Trata-se sempre da mesma graça, mas não sempre da mesma modalidade e, por isso, não sempre da mesma intensidade, pois acolher o Outro que interpela não é o mesmo que desfrutar da sua amizade. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURNS, P. Graça. *In*: FITZGERALD, A. (org.). *Agostinho através dos tempos*: uma enciclopédia. São Paulo: Paulus, 2019. p. 462-470.

DRECOLL, V. H. Gratia. *In*: MAYER, C. P. *et al*. (ed.). *Augustinus-Lexikom*. Basel: Schwabe, 2011. v. 3, col. 182-242.

FELDEMANN, E. Confessiones. *In*: MAYER, C. P. *et al*. (ed.). *Augustinus-Lexikom*. Basel: Schwabe, 1994. v. 1, col. 1.134-1.193.

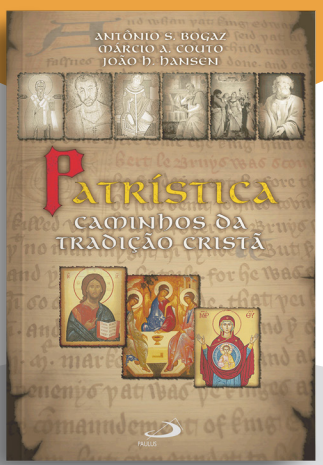
FREITAS, H. D. de O. A graça em Santo Agostinho: preparação para uma introdução. Apresentação do volume. *Revista de Estudos Agostinianos,* Curitiba, n. 4, p. 5-12, 2025.

VAN FLETEREN, Frederick. Confessiones. *In*: FITZGERALD, A. (org.). *Agostinho através dos tempos*: uma enciclopédia. São Paulo: Paulus, 2019. p. 259-264.

PATRÍSTICA:

CAMINHOS DA TRADIÇÃO CRISTÃ

Antônio Sagrado Bogaz / João Henrique Hansen / Márcio Alexandre Couto



O livro mostra a importância do itinerário de fé dos primeiros cristãos, explicitando os fundamentos, as perspectivas e os objetivos da vida eclesial. Essa publicação nasceu da experiência pastoral dos autores, do aprofundamento das pesquisas teológicas e do desejo de partilhar suas reflexões com os irmãos de fé.

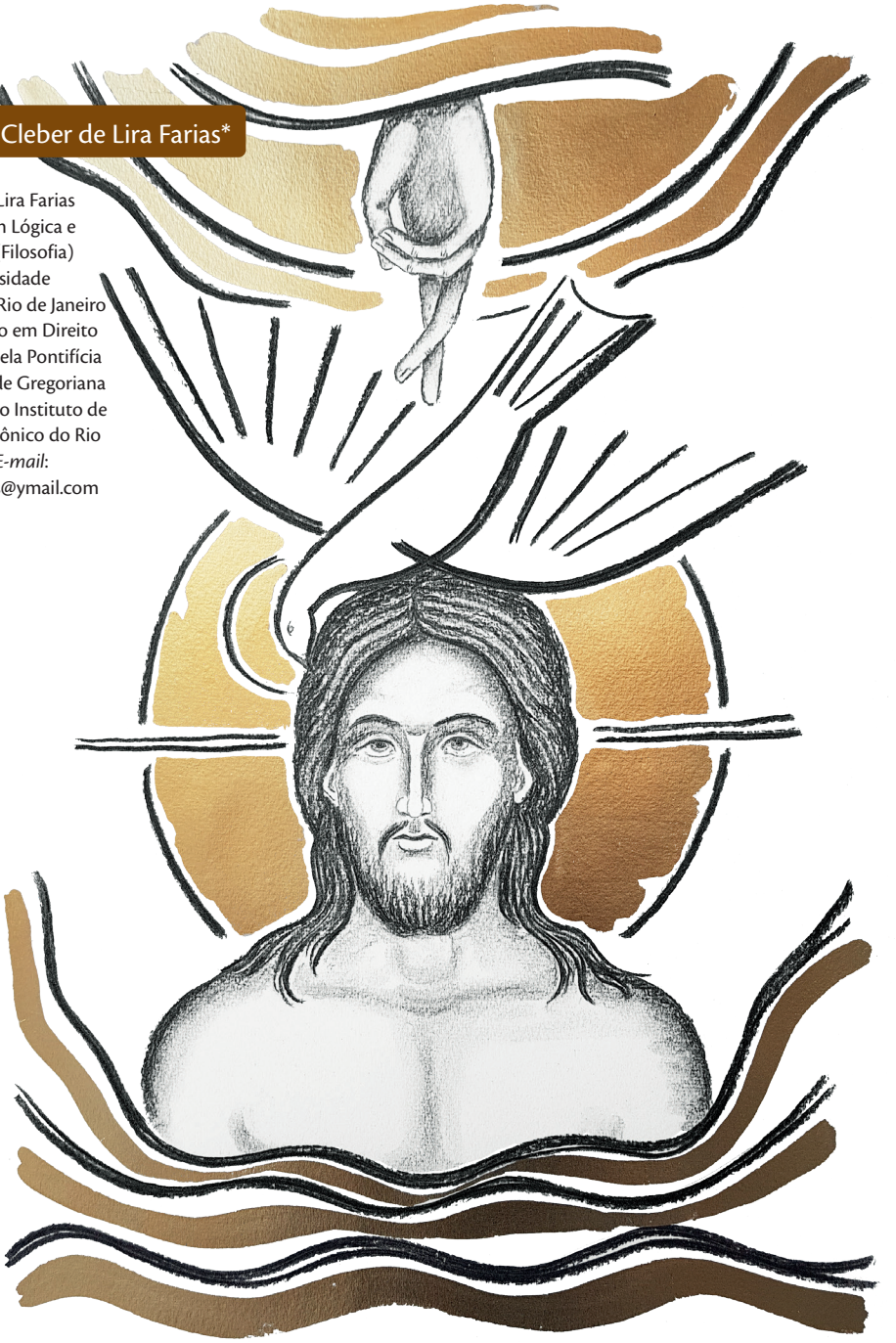
ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Prof. Dr. Cleber de Lira Farias*

*Cleber de Lira Farias é doutor em Lógica e Metafísica (Filosofia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e mestrando em Direito Canônico pela Pontifícia Universidade Gregoriana no Pontifício Instituto de Direito Canônico do Rio de Janeiro. *E-mail*: cleber.farias@ymail.com



SANTO AGOSTINHO E O COMBATE ÀS HERESIAS

Luzes para os desafios da Igreja hoje

Este artigo busca apresentar como Santo Agostinho enfrentou as heresias de seu tempo com profundidade teológica e sensibilidade pastoral. Na atualidade, muitos desses erros reaparecem sob novas roupagens, desafiando a fé e a comunhão eclesial. Ainda hoje, os ensinamentos de Agostinho nos inspiram a discernir os falsos caminhos e deles nos afastar, conduzindo-nos, pela unidade e pela caridade, no caminho seguro da Igreja.

INTRODUÇÃO

Santo Agostinho destacou-se como um dos maiores defensores da fé cristã diante das heresias de seu tempo, oferecendo à Igreja não apenas respostas teológicas de grande profundidade, mas também verdadeiro caminho pastoral de recondução à verdade. Em um contexto marcado por graves desvios doutrinários – como o maniqueísmo, o donatismo e o pelagianismo –, que ameaçavam tanto a integridade da fé quanto a unidade eclesial, Agostinho soube unir rigor intelectual e caridade pastoral, demonstrando que o combate ao erro não se reduz à refutação de ideias, mas se orienta à salvação das almas e à restauração da comunhão. Sua própria trajetória espiritual, marcada pela busca inquieta e pela experiência da conversão, confere singular autoridade ao seu pensamento, revelando que o erro, mais do que um desvio conceitual, é uma condição existencial que pode ser redimida pela graça. Por isso, em Agostinho, a defesa da fé aparece inseparavelmente unida à misericórdia, fazendo do anúncio da verdade autêntico serviço ao povo de Deus.

Na atualidade, o pensamento agostiniano revela-se ainda mais necessário, na medida em que muitas das heresias por ele combatidas ressurgem sob novas roupagens, adaptadas às linguagens e sensibilidades do mundo contemporâneo. O dualismo reaparece em visões polarizadas da realidade, o rigorismo eclesial revive em tendências excludentes, o subjetivismo fragiliza a objetividade da fé e a autossuficiência humana obscurece a centralidade da graça. Diante desse cenário, os ensinamentos de Santo Agostinho continuam a oferecer critérios seguros de discernimento, ajudando-nos a identificar os erros que se disfarçam de verdade e a evitar caminhos que conduzem à divisão e ao afastamento de Deus. Mais do que nunca, sua herança espiritual e teológica nos inspira a permanecer firmes na Tradição da Igreja, caminhando com humildade, na unidade e na caridade, para que, iluminados pela verdade de Cristo, possamos edificar uma fé autêntica e uma comunhão verdadeiramente eclesial.

1. O erro e a comunhão: como Santo Agostinho enfrentou as heresias de seu tempo

Antes de adentrarmos propriamente no modo como Santo Agostinho enfrentou as heresias de seu tempo, é necessário realizar indispensável ajuste conceitual que ilumine adequadamente nossa reflexão. Muitas vezes, no uso comum – também no ambiente eclesial –, tende-se a designar indistintamente como "heresia" toda forma de erro, divergência ou ruptura, o que pode gerar confusões e comprometer um discernimento teológico e pastoral mais preciso. Por isso, à luz da Tradição da Igreja, importa distinguir com clareza entre heresia, cisma e apostasia. A heresia consiste na negação pertinaz de uma verdade que deve ser crida com fé divina e católica, atingindo diretamente a integridade do depósito revelado. O cisma, por sua vez, configura-se como a recusa de submissão ao romano pontífice ou da comunhão com os membros da Igreja a ele unidos, representando uma ruptura da

unidade visível, ainda que sem negação formal de dogmas. Já a apostasia corresponde à rejeição total da fé cristã, sendo a forma mais radical de afastamento de Deus e da Igreja. Tais distinções não são meramente terminológicas, mas exprimem realidades espirituais profundas que afetam a comunhão do corpo de Cristo. Compreendê-las corretamente permite à Igreja não rotular de forma apressada, mas reconhecer com lucidez as feridas presentes, orientando sua ação pastoral para a cura, a reconciliação e o retorno à verdade (cf. CaIC, 2.089).

No contexto histórico de Santo Agostinho, as heresias não se apresentavam como meras construções teóricas, e sim como forças concretas que atravessavam a vida eclesial e social, exigindo respostas que integrassem rigor teológico, discernimento espiritual e sensibilidade pastoral. O maniqueísmo, do qual o próprio Agostinho participou durante anos, exercia forte atração ao propor uma explicação totalizante do mal com base em dois princípios eternos e opostos, mas foi superado quando ele, iluminado pela fé e pela reflexão filosófica, reconheceu que o mal não possui substância própria, sendo antes uma desordem da vontade criada que se afasta do bem, como testemunha ao afirmar: "E procurei o que era o mal, e não encontrei uma substância, mas um desvio da vontade" (*Confissões*, VII, 16, 22), restaurando, assim, a unidade da criação e a bondade originária de Deus. No enfrentamento do donatismo, que comprometia a unidade visível da Igreja ao condicionar a eficácia dos sacramentos à pureza moral dos ministros, Agostinho responde com uma eclesiologia profundamente cristológica e sacramental, afirmando que a Igreja é o *corpus permixtum*, sustentado pela graça de Cristo e não pela perfeição de seus membros, e que a verdade da fé se reconhece na comunhão universal, como sintetiza na expressão "o mundo inteiro reconhece com certeza que não são bons aqueles que se afastam da unidade do mundo, em qualquer lugar da terra" (*Contra epistulam Parmeniani*, III, 4), reafirmando a catolicidade como critério de autenticidade. Já no combate ao pelagianismo, Agostinho penetra no núcleo da condição humana ao rejeitar a pretensão de autossuficiência e recolocar a graça como princípio originante e sustentador de toda vida moral, mostrando que a Lei, por si só, não salva, mas revela a necessidade de cura, como afirma: "O homem não se torna justo apenas pela vontade (nem por sua natureza); mas a 'medicina' pode aquilo que o vício não pode" (*De natura et gratia*, 43, 50), evidenciando que somente a graça pode transformar o coração humano e torná-lo capaz de amar o bem. Assim, em todas essas controvérsias, Agostinho não apenas desmonta sistemas de pensamento, mas também oferece verdadeiro itinerário de conversão, no qual a verdade se une inseparavelmente à caridade, a liberdade é curada pela graça e a comunhão eclesial se manifesta como o espaço vital onde o ser humano reencontra Deus e redescobre sua vocação à unidade.

É imperioso reconhecer que todo o combate de Santo Agostinho às heresias está profundamente enraizado em uma visão teológica da Igreja como mistério de comunhão e instrumento eficaz de salvação, o que confere à sua ação um caráter autenticamente pastoral. Mais do que refutar erros ou prevalecer em disputas, Agostinho compreende que a verdade revelada está ordenada à edificação do corpo de Cristo e à salvação das almas, de modo que toda correção deve conduzir à restauração da unidade e à cura das divisões. Sua atuação, especialmente diante dos donatistas, revela um pastor que, iluminado pela verdade, busca incansavelmente recompor a comunhão ferida, consciente de que toda ruptura eclesial atinge a própria caridade que constitui a Igreja. É nessa perspectiva que ele afirma: "Se vós sois o corpo de Cristo e seus membros, o vosso mistério está colocado na mesa do Senhor [...]. Tornai-vos membros do corpo de Cristo, para que o vosso 'Amém' seja verdadeiro" (Sermão 272), indicando que a comunhão eclesial não se reduz a uma pertença externa, mas exige uma adesão

existencial à vida de Cristo, vivida na unidade da fé e na participação sacramental. Em sua teologia, verdade e caridade não são princípios concorrentes, mas dimensões inseparáveis da mesma realidade salvífica, pois a verdade sem caridade se endurece e a caridade sem verdade se esvazia. Por isso, seu testemunho permanece profundamente atual, oferecendo à Igreja um caminho seguro para enfrentar os erros sem perder de vista que toda defesa da fé deve estar orientada à misericórdia, à unidade e à plena comunhão em Cristo.

2. Heresias hoje: novas roupagens, antigos erros e o caminho seguro da Igreja

Ao voltarmo-nos para o contexto contemporâneo, marcado por um crescente individualismo religioso e pela multiplicidade de interpretações subjetivas da fé, torna-se ainda mais evidente que o combate aos erros doutrinais exige profunda inserção na Tradição viva da Igreja, compreendida não como um conjunto estático de fórmulas, mas como a transmissão contínua e orgânica da fé apostólica sob a ação do Espírito Santo. Diante desse cenário, é fundamental redescobrir a Igreja como *mater et magistra*, que não restringe a liberdade, mas a orienta na verdade, preservando a integridade da revelação de Cristo. Nesse sentido, impõe-se a necessidade de retornar às fontes, reler os textos dos Padres da Igreja e, de modo especial, revisitar o pensamento de Santo Agostinho, cuja reflexão teológica e pastoral já ofereceu à Igreja argumentos sólidos e seguros para enfrentar os desvios da fé. Agostinho jamais se apoiou em uma interpretação isolada ou autônoma, mas reconheceu na comunhão eclesial o lugar autêntico da verdade, compreendendo que a fé não é construção individual, e sim dom recebido e transmitido. Sua própria trajetória, ao abandonar o maniqueísmo e encontrar na Igreja a segurança da verdade, revela que é na escuta da Tradição e na comunhão com o magistério que o cristão permanece firme na reta doutrina. Assim, em um tempo de tantas

A TRINDADE NAS FONTES PATRÍSTICAS

Guillermo Pons



Versão E-Book

A obra aborda o mistério do Deus Uno e Trino de acordo com as fontes patrísticas. Reúne 133 excertos comentados de 48 Padres da Igreja, oferecendo uma preciosa antologia da Tradição patrística sobre a Santíssima Trindade.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



“Na atualidade, o pensamento agostiniano revela-se ainda mais necessário, na medida em que muitas das heresias por ele combatidas ressurgem sob novas roupagens, adaptadas às linguagens e sensibilidades do mundo contemporâneo.”

vozes e propostas, a fidelidade à Tradição se apresenta não como um retorno ao passado, mas como caminho seguro para não nos desviarmos, permanecendo enraizados na verdade que a Igreja, ao longo dos séculos, guarda, interpreta e transmite com autoridade.

Muitas das heresias combatidas por Santo Agostinho continuam a manifestar-se em nosso tempo sob novas roupagens culturais, por vezes mais discretas, mas não menos perigosas para a vida da fé e para a comunhão da Igreja. O maniqueísmo, por exemplo, reaparece quando a realidade é reduzida a divisões rígidas entre “bons” e “maus”, alimentando polarizações que dificultam o diálogo e impedem o reconhecimento da fragilidade e da graça presentes em cada pessoa. O donatismo se faz presente em atitudes rigoristas que, ainda hoje, tendem a medir a autenticidade da Igreja pela perfeição visível de seus membros, esquecendo que ela é um corpo em caminho, sustentado pela graça e sempre necessitado de misericórdia. O pelagianismo, por sua vez, manifesta-se em uma cultura que exalta a autossuficiência, levando o ser humano a acreditar que pode salvar-se por suas próprias forças, como se a vida cristã fosse apenas fruto de esforço pessoal, e não resposta à graça gratuita de Deus. Diante desse cenário, o pensamento agostiniano revela-se profundamente atual, pois não apenas identifica os erros, mas também aponta caminhos de cura, reconduzindo o coração humano à verdade que salva. Como recordava o papa Francisco, “os Padres da Igreja são mestres que nos ajudam a ler o presente à luz da fé recebida” (*Audiência Geral*, 7 de março de 2018), mostrando que a Tradição permanece viva e capaz de iluminar os desafios de cada tempo. Assim, revisitar Santo Agostinho é não apenas um exercício intelectual, mas também verdadeiro caminho pastoral, que nos ajuda a discernir os falsos caminhos, a permanecer firmes na fé da Igreja e a caminhar com humildade, na unidade e na confiança na graça que nos sustenta e nos conduz à comunhão plena em Cristo.

Diante desses desafios, a Igreja é chamada a desenvolver uma pastoral que una, de modo inseparável, clareza doutrinal e caridade pastoral, à luz do testemunho de Santo Agostinho, para quem a verdade sempre esteve a serviço da salvação e da comunhão. Isso implica não apenas denunciar os erros que se difundem na cultura contemporânea, mas sobretudo formar os fiéis na verdade, oferecendo-lhes critérios seguros de discernimento e introduzindo-os em uma vida cristã autêntica e integral. A catequese, a pregação e a formação teológica, nesse horizonte, deixam de ser mera transmissão de conteúdos e se tornam verdadeiros itinerários de iniciação à vida em Cristo, capazes de tocar a inteligência e inflamar o coração, conduzindo à conversão e à comunhão eclesial. Contudo, essa tarefa não pode ser dissociada da vida espiritual, pois o combate ao erro não se sustenta apenas em argumentos, mas requer a experiência viva da graça. Nesse sentido, como recordou o papa Bento XVI, “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com

uma Pessoa" (*Deus Caritas Est*, n. 1), indicando que a verdade cristã é, antes de tudo, experiência de encontro com Cristo. Assim, em um mundo marcado por múltiplas propostas de sentido, muitas vezes fragmentadas e superficiais, a Igreja é chamada a oferecer não apenas respostas intelectuais, mas fundamentalmente uma experiência viva de Deus, capaz de iluminar a mente, transformar o coração e conduzir o ser humano à plenitude da verdade e do amor.

CONCLUSÃO

À luz de todo o percurso desenvolvido, torna-se evidente que o combate às heresias não é tarefa restrita ao passado, mas exigência permanente da fidelidade cristã em todos os tempos, pois, como bem compreendeu Santo Agostinho, o erro constitui não apenas um desvio intelectual, mas sobretudo uma ruptura na relação do ser humano com Deus e com a comunhão da Igreja, exigindo uma resposta que una inseparavelmente verdade e caridade. Ao enfrentar com lucidez os erros de sua época, o grande pensador cristão ofereceu à Igreja, mais do que soluções circunstanciais, critérios duradouros para o discernimento da verdade e a preservação da unidade eclesial, recordando-nos que a defesa da fé deve estar sempre orientada à recondução à comunhão e à salvação das almas. Nesse horizonte, também em nossos dias, a Igreja é chamada a não se omitir diante dos desafios de um mundo marcado pelo subjetivismo e pela fragmentação, mas formar consciências, fortalecer a vida espiritual e promover a unidade, permanecendo fiel à Tradição, ao magistério e à vida sacramental, como fundamentos de uma fé autêntica e madura. Trata-se de caminho exigente, mas profundamente evangélico, que passa pela conversão e pelo compromisso com a vida eclesial, reconhecendo que a verdade cristã não é uma ideia abstrata, mas a própria Pessoa de Cristo que se comunica na Igreja. Assim, inspirados pelo testemunho do bispo de Hipona, somos convidados a permanecer firmes na fé, confiantes que a graça continua a conduzir todos aqueles que se abrem à verdade que salva, como ele mesmo expressa de modo tão profundo e universal: "Fizeste-nos para ti, Senhor, e inquieto está o nosso coração enquanto não repousa em ti" (*Confissões*, I, 1). VP

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTINI, A. *Contra epistulam Parmeniani*. [*S. l.*]: Nuova Biblioteca Agostiniana: Città Nuova, [20--]. Disponível em: https://www.augustinus.it/latino/contro_parmeniano/index.htm. Acesso em: 10 mar. 2026.

AUGUSTINI, A. *De natura et gratia*. [*S. l.*]: Nuova Biblioteca Agostiniana: Città Nuova, [20--]. Disponível em: https://www.augustinus.it/latino/natura_grazia/index.htm. Acesso em: 16 mar. 2026.

AUGUSTINI, A. *Sermones*. [*S. l.*]: Nuova Biblioteca Agostiniana: Città Nuova, [20--]. Disponível em: https://www.augustinus.it/latino/discorsi/index2.htm. Acesso em: 16 mar. 2026.

BENTO XVI, Papa. *Deus Caritas Est*: Carta Encíclica sobre o amor cristão. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 25 jan. 2006. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html. Acesso em: 1 abr. 2026.

CATECISMO da Igreja Católica (CaIC). São Paulo: Paulus, 2000.

FRANCISCO, Papa. *Audiência Geral, 7 de março de 2018*: texto da audiência geral proferida pelo papa Francisco na Sala Paulo VI, 7 mar. 2018. Disponível em: https://vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2018/documents/papa-francesco_20180307_udienza-generale.html. Acesso em: 20 mar. 2026.

SANT'AGOSTINO. *Le confessioni*. [*S. l.*]: Nuova Biblioteca Agostiniana: Città Nuova, [20--]. Disponível em: https://www.augustinus.it/italiano/confessioni/index2.htm. Acesso em: 26 mar. 2026.



Prof. Dr. Fernando Altemeyer Junior*

*Fernando Altemeyer Junior é professor assistente doutor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Graduado em Filosofia e em Teologia pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção, mestre em Teologia e Ciências da Religião pela Universidade Católica de Lovaina (Bélgica) e doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Foi assessor de comunicação da arquidiocese de São Paulo e porta-voz dos cardeais Arns e Hummes (1994-2000). Escreve para revistas confessionais e acadêmicas sobre comunicação, religião, teologia, ética e bioética. *E-mail:* fajr@pucsp.br.



SANTO AGOSTINHO E O PAPADO DE LEÃO XIV



O texto apresenta breve perfil do papa Leão XIV e sete pontos-chave de conexão entre Agostinho e o pontífice.

INTRODUÇÃO

O agostiniano Robert Francis Prevost Martínez assumiu o pontificado, como 267º bispo de Roma, em 18 de maio de 2025. Nasceu em Chicago, Illinois, nos Estados Unidos, em 14 de setembro de 1955, festa da Exaltação da Santa Cruz. É norte-americano e peruano, com dupla nacionalidade. Leão XIV foi o nome escolhido pelo sumo pontífice da Igreja universal, patriarca do Ocidente, primaz da Itália, arcebispo metropolita da Província Romana. Seu lema episcopal é *In Illo uno unum* ("No Cristo uno, unidade"), como programa de ação e vida espiritual. Seu poço de água viva é Cristo Jesus. Seu pai espiritual é Santo Agostinho.

1. Um homem tímido movido pela graça de Deus

Robert (Leão XIV), chamado de Bob pela família, é esse homem-ponte que une povos de dois hemisférios e duas culturas: nasce nos EUA e, por duas décadas, vive umbilicalmente sua missão eclesial como padre e bispo agostiniano no Peru. Assumidamente filho de migrantes, é multicultural e poliglota, reconhecendo-se um missionário-migrante, como havia sido o pai espiritual da sua ordem, o peregrino pensador, filósofo e teólogo nascido em Tagaste, estudante em Madaura e Cartago, convertido em Milão, por influência de Santo Ambrósio, e nomeado bispo de Hipona, no norte da África, durante o fim do Império Romano. Há grande similitude entre Robert Prevost e Aurélio Agostinho, tendo sido ambos marcados pela graça infinita de Deus, que busca e encontra os corações inquietos que o desejam ardentemente. Robert terá em sua mãe, senhora Mildred, seu modelo de vida santa e devota, enquanto Santo Agostinho teve em Santa Mônica, mãe corajosa e firme, as lágrimas de sua conversão. Agostinho começou suas buscas exteriores desde a morte do pai, Patrício, pondo-se a caminho de Cartago por volta do ano 371. Seguiu o árduo caminho intelectual das controvérsias teóricas até a entrega final e o encontro com Deus aos 75 anos, em 28 de agosto de 430, desejando o Reino que não tem fim. Santo Agostinho é, com Santo Tomás de Aquino e Hans Urs von Balthasar, uma das grandes autoridades teológicas da história. São gênios das palavras e mestres na oração. As palavras de Agostinho estremecem nossa mente e nosso coração: "Me chamastes com uma voz tão forte que rompestes a minha surdez! Brilhastes, cintilastes e logo afugentastes a minha cegueira! Exalastes perfume: respirei-o suspirando por vós. Vós me tocastes e ardi no desejo de vossa paz" (Agostinho, 2021, p. 267).

Robert Francis, o atual Leão XIV, começa os estudos pela matemática, faz doutorado em Direito Canônico, em Roma, e entrega seu coração aquecido ao amado povo peruano de Chiclayo, no Peru, aprendendo uma espiritualidade encarnada como *life-giving* (entrega vital). Prevost assume ser um bispo peregrino agostiniano da Igreja toda ela peregrina (*peregrinus episcopus in ecclesia peregrina*). O pequenino *Bob* se tornaria o universal *Leo*, com o coração ardendo em chamas. Movido por esse amor ao Cristo uno, convida a todos para a unidade plural na defesa da paz desarmada, seguindo a Igreja peregrina, animada pela graça salvadora. Tal foco do ministério petrino atual foi, para Santo Agostinho, uma questão capital no quinto século. Afirma Hans Küng, teólogo suíço:

> Agostinho, evidentemente, não é um historiador em sentido moderno, mas um teólogo que interpreta a história e que não se interessa preferentemente pela evolução da humanidade, mas pelo plano de Deus [...]. Por isso é Agostinho quem criou no cristianismo a primeira e monumental teologia da história [...] – de que a história é um movimento que Deus dirige de modo linear até um final: a Cidade Eterna de Deus, o reino da paz, o Reino de Deus (Küng, 1995, p. 94).

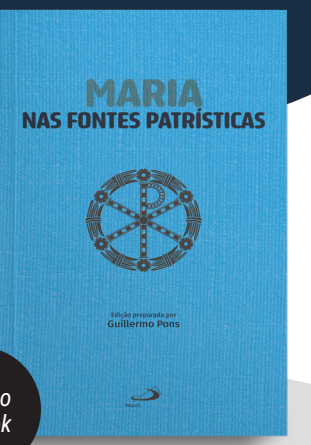
Tal é a intuição similar do papa Leão XIV ao contemplar o cenário internacional e a Terceira Guerra Mundial aos pedaços. Leão identifica claramente que sua missão é pregar a Boa Notícia de Jesus, a tempo e contratempo, sem medo, arrogância ou poder mundano. Ele compreende que fora do amor não há salvação! Amor que emerge da aldeia de Nazaré ou caminha pela província de Chiclayo. Que sofre em Beirute, no Líbano, e nas vidas ceifadas das crianças palestinas em Gaza e na Cisjordânia invadidas. Em entrevista ao jornal *Corriere della Sera* em 24 de abril de 2026, o pontífice americano relatou um episódio que o marcou profundamente: "Trago comigo a foto de uma criança muçulmana que, durante minha visita ao Líbano, me esperava com uma placa que dizia 'Bem-vindo, papa'. Então, na fase final da guerra, ela foi morta".[5] A compaixão do papa Prevost revela a "beleza tão antiga e nova, escondida no mais íntimo de nossos corações", que o alimenta e o move no ministério da unidade, tornando-o interlocutor eloquente no cenário internacional. Leão XIV sabe, por experiência e herança agostiniana, que religião é um assunto de coração.

Seu programa se concentra em viver a Doutrina Social da Igreja, considerando os 135 anos

5 Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/mundo/papa-critica-guerra-e-diz-que-carrega-foto-de-menino-muculmano-morto-no-libano,a7f8331aa6f9caf89847ed60ca45e4b3xq5s045h.html?utm_source=clipboard. Acesso em: 1 jun. 2026.

MARIA NAS FONTES PATRÍSTICAS

Guillermo Pons



Versão E-Book

Organizada pelo professor Guillermo Pons, a publicação reúne uma vasta seleção de testemunhos dos Santos Padres da Igreja sobre a Virgem Maria. Os textos oferecem uma contribuição valiosa para a compreensão histórica dos dogmas marianos.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

de sua elaboração desde Leão XIII, em favor da dignidade humana inalienável; defender a paz e caminhar ao lado dos pobres, como consta no documento inicial de seu pontificado, *Dilexi Te*. Nessa exortação apostólica, herança do papa argentino, Leão XIV fez questão de incluir uma seção dedicada a Santo Agostinho. Lemos no número 47:

> Numa Igreja que reconhece nos pobres o rosto de Cristo e nos bens o instrumento da caridade, o pensamento agostiniano permanece uma luz segura. Hoje, a fidelidade aos ensinamentos de Agostinho exige não só o estudo de suas obras, mas a predisposição para viver com radicalidade o seu apelo à conversão que inclui necessariamente o serviço da caridade.

Tal reconhecimento pontifício da atualidade do pensamento e da mística de Santo Agostinho também emergiu por ocasião do discurso aos membros do corpo diplomático creditado junto à Santa Sé para as felicitações de ano-novo, em 9 de janeiro de 2026. Leão XIV apresenta Santo Agostinho como luminar em questões de diplomacia e relações internacionais, as quais, segundo ele, "vivem um verdadeiro 'curto-circuito' dos direitos humanos.[6] Ao citar a obra *De civitate Dei*, e, é claro, reconhecendo os novos contextos geopolíticos e culturais, passados quinze séculos, o papa agostiniano destaca temas nevrálgicos da contemporaneidade: a fragilidade do multilateralismo no plano internacional; a diplomacia da força; a guerra; a paz equivocadamente procurada por meio das armas; o comprometimento do Estado de Direito; a liberdade religiosa; a necessária qualificação da linguagem e da comunicação; enfim, o orgulho dos grupos poderosos que pensam dominar o planeta pela força e opressão. A lista imensa das sintonias e reverberações do pensamento agostiniano serve de luz para a atual "mudança de época" e comprova a importância de Santo Agostinho no pontificado de Leão XIV, como chave de interpretação e força teológica viva.

2. Sete pontos de conexão entre Agostinho e Leão XIV

1) A relação entre fé e razão, com primazia daquele que crê para entender ("credo ut intelligam"). Santo Agostinho sustenta que a fé precede a compreensão, mas a razão é fundamental para explorar a fé. Ele utiliza a máxima: "Creio para compreender", a qual mostra a fé iluminando a razão na busca pela verdade. Também diz a frase contundente: "Que tem você, que não tenha recebido?" (Küng, 1995, p. 85). Se o texto de São João Paulo II, *Fides et Ratio*, dizia que fé e razão eram como duas asas a nos fazer voar, elevando a humanidade, o atual papa nos recorda que a fé precisa se exprimir em novas categorias e idiomas na cultura pós-moderna para ser compreendida e vivida como serviço apaixonado da Boa Notícia. Proclama Leão:

> Queridos irmãos e irmãs, a Igreja e o mundo não precisam de pessoas que cumprem os seus deveres religiosos mostrando a sua fé como um rótulo exterior; precisam, pelo contrário, de operários desejosos de trabalhar no campo da missão, de discípulos apaixonados que testemunhem o Reino de Deus onde quer que estejam.[7]

2) A teoria da iluminação divina. Agostinho argumenta que o conhecimento das verdades eternas e imutáveis só é possível por meio de uma "iluminação" direta de Deus sobre a mente humana, como um presente gratuito do Pai, que nos ama. A verdade absoluta não é construída por homens e mulheres, mas recebida de Deus com profunda gratidão. Trata-se de graça gratuita, sempre acolhida como filhos e filhas,

6 Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/speeches/2026/january/documents/20260109-corpo-diplomatico.html. Acesso em: 1 jun. 2026.

7 Disponível em: https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2025-07/papa-leao-xiv-angelus-6-julho-tempo-comum.html. Acesso em: 1 jun. 2026.

e não como inteligências artificiais ou robôs humanoides. Afirma Leão, em sua mensagem aos participantes da 2ª Conferência Anual de Roma sobre Inteligência Artificial, Ética e Governança Corporativa, em 17 de junho de 2025:

> Nenhuma geração jamais teve acesso tão rápido à quantidade de informações atualmente disponível, graças à inteligência artificial. Porém, mais uma vez, o acesso aos dados – por mais vastos que sejam – não deve ser confundido com a inteligência que, necessariamente, "implica a abertura da pessoa às interrogações últimas da vida e reflete uma orientação para a Verdade e o Bem" (*Antiqua et Nova*, n. 29). Afinal, a verdadeira sabedoria tem mais a ver com o reconhecimento do sentido autêntico da vida do que com a disponibilidade de dados.[8]

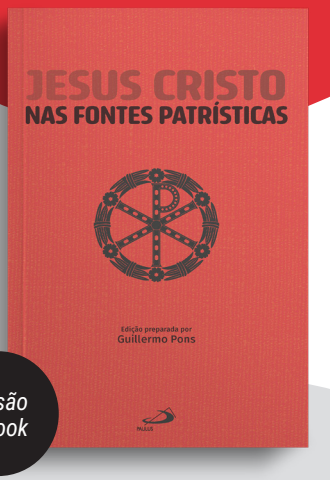
3) O problema do mal e o livre-arbítrio. Agostinho enfrenta o paradoxo do mal (um Deus bom criando um mundo marcado pelo mal e pelo maligno) ao defini-lo não como um ser, mas como a ausência ou privação do bem (*privatio boni*). Ele atribui o mal moral ao mau uso do livre-arbítrio pelo ser humano. Na conjuntura eclesial de Agostinho e também em nosso século XXI, uma das formas de crise "diabólica" são as divisões e as bolhas ideológicas dentro das Igrejas cristãs. Agostinho e Leão XIV assumem decididamente posição em favor da unidade da Igreja. Para os dois bispos, uma Igreja particular não pode se isolar, mas deve manter comunhão com Jerusalém, Roma e as grandes comunidades orientais, ou seja, com a Igreja universal, que Agostinho chama de mãe de todos os fiéis.

4) A doutrina do pecado original, uma chave agostiniana complexa. Após a queda de Adão, a natureza humana ficou corrompida pelo pecado original, o que tornou o ser humano incapaz de alcançar a salvação por seus próprios

8 Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/messages/pont-messages/2025/documents/20250617-messaggio-ia.html. Acesso em: 1 jun. 2026.

JESUS CRISTO NAS FONTES PATRÍSTICAS

Guillermo Pons



Versão E-Book

Este livro apresenta uma antologia de escritos de diversos Padres da Igreja sobre Jesus Cristo, textos que exprimem a profundidade teológica e a reflexão dos primeiros séculos sobre a divindade e a humanidade do Salvador.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



> *“A compaixão do papa Prevost revela a ‘beleza tão antiga e nova, escondida no mais íntimo de nossos corações’, que o alimenta e o move no ministério da unidade, tornando-o interlocutor eloquente no cenário internacional.”*

esforços (como defendia Pelágio). A salvação é, sobretudo, um dom gratuito de Deus, a graça divina que capacita o ser humano para fazer o bem. De forma atualizada, assim diz o teólogo espanhol Faus: “O pecado é o ataque ao projeto criador de Deus, que acontece ou porque o homem rejeita sua imagem divina, agarrando-se a essa identidade fechada de sua criaturalidade, ou porque o homem falsifica sua imagem divina, tomando-a como desculpa para sua autodivinização” (Faus, 2025, p. 172). Proclama Leão, conforme seu discurso aos fiéis na basílica de São Pedro quando da sua eleição, em 8 de maio de 2025: “Deus ama a todos nós e o mal não prevalecerá. Estamos todos nas mãos de Deus; portanto, sem medo, todos unidos à mão de Deus e uns aos outros, vamos em frente”.[9]

5) A cidade de Deus e a história. Na obra *A cidade de Deus*, Agostinho pensa em duas cidades, a “Cidade Terrena” (baseada no amor-próprio) e a “Cidade de Deus” (baseada no amor a Deus). A história é o desenrolar desse conflito, que culmina na vitória final da Cidade de Deus. Assume Leão: “Deus me confiou este tesouro para que, com sua ajuda, eu possa ser seu administrador fiel em benefício de todo o corpo místico da Igreja. Ele o fez para que ela seja cada vez mais plenamente uma cidade sobre o monte, uma arca de salvação navegando pelas águas da história e um farol que ilumina as noites deste mundo”.[10]

6) Interioridade e busca incessante por Deus. Agostinho acredita, por experiência, que Deus é encontrado no interior da alma humana: “Não saias de ti mesmo, volta para dentro de ti; a verdade habita no homem interior” (*A verdadeira religião,* 39, 72). A autoconsciência e o mergulho psicanalíticos são bons caminhos teológicos para Deus. Grave problema eclesial e eclesiástico a evitar são as personalidades narcísicas e manipuladoras de muitos líderes religiosos. Será preciso distinguir entre busca interior libertadora e uso da religião para domesticar e submeter pessoas. Prevenir personalidades narcísicas nas igrejas é tarefa urgente, para evitar comunidades doentes, síndrome de *burnout* e o abandono da fé, que atinge fiéis e clérigos. É preciso pôr em ação autêntica pedagogia da estima de si e de entrega pessoal, como remédio eficaz contra os narcisismos. “Se a personalidade manipuladora é doente – possivelmente culpada – por nada ofertar, também nós, todos e todas, também o somos, por não doar o suficiente” (Ide, 2016, p. 246).

7) A nova teologia da Trindade. Agostinho aprofundou a compreensão de Deus como uno e trino, investigando a Santíssima Trindade não apenas na Escritura sagrada, mas também traçando analogias na própria mente

9 Disponível em: https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2025-05/papa-leao-xiv-primeiras-palavras-basilica-sao-pedro-paz.html. Acesso em: 1 jun. 2026.

10 Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/le%C3%A3o-14-celebra-sua-1%C2%AA-missa-como-novo-papa/a-72487131. Acesso em: 1 jun. 2026.

humana (memória, entendimento e vontade) como reflexo da imagem e semelhança de Deus. O bispo de Hipona supera Orígenes e os pensadores patrísticos do Oriente com sua chave de leitura de base platônica e filosófica. Ele parte da natureza divina em direção à unidade do Pai, do Filho e do Espírito. Assim falou o filho de Agostinho, o papa Leão, na Mesquita de Argel:

> Agradeço por esta reflexão e por estas palavras, tão importantes nesta visita, proferidas num local que representa o espaço que pertence a Deus, um espaço divino e sagrado, onde tantas pessoas vêm para rezar, para encontrar a presença do Altíssimo, de Deus, nas suas vidas. Como o senhor sabe, venho com grande alegria à Argélia, pois esta é também a terra do meu pai espiritual, Santo Agostinho, que desejou ensinar tanto ao mundo, sobretudo através da busca da verdade, da busca de Deus, reconhecendo a dignidade de cada ser humano e a importância de construir a paz. Procurar Deus é também reconhecer a sua imagem em cada criatura, nos seus filhos, em cada homem e mulher criados à imagem e semelhança de Deus. Para nós, isto significa que é muito importante aprender a viver juntos, respeitando a dignidade de cada pessoa humana.[11] VP

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

FAUS, J. I. G. *Desumanidade*: reflexões sobre o mal moral. São Paulo: Paulus, 2025.

IDE, P. *Manipulateurs*: les personnalités narcissiques. Détecter, comprendre, agir. Paris: Emmanuel, 2016.

KÜNG, H. *Grandes pensadores cristianos*: uña pequeña introducción a la teología. Madrid: Trotta, 1995.

11 Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/speeches/2026/april/documents/20260413-algeria-visita-moschea.html. Acesso em: 1. jun. 2026.

DEUS PAI NAS FONTES PATRÍSTICAS

Guillermo Pons



Versão E-Book

Esta obra reúne uma compilação de textos selecionados dos Santos Padres da Igreja, oferecendo uma profunda reflexão sobre a figura de Deus Pai, sua natureza, sua paternidade e seu relacionamento com a humanidade.

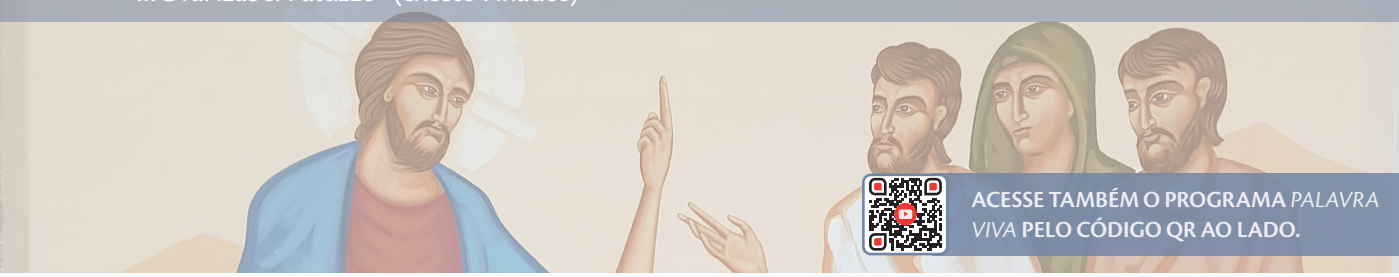
ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

ROTEIROS HOMILÉTICOS

Ir. Dra. Izabel Patuzzo* (exceto Finados)



ACESSE TAMBÉM O PROGRAMA *PALAVRA VIVA* PELO CÓDIGO QR AO LADO.

Novembro

Os cantos das celebrações, bem como as respectivas indicações de autoria e as partituras, podem ser acessados por meio dos códigos QR ao lado. Ouça os álbuns da Paulus, de forma gratuita, nas principais plataformas de *streaming*.

Dezembro

TODOS OS SANTOS E SANTAS

1º de novembro

A vocação de todos nós

I. INTRODUÇÃO GERAL

A celebração da solenidade de Todos os Santos nos convida a contemplar a vida de todos aqueles e aquelas que, de diversos modos, seguiram a Cristo na fidelidade, deixando-nos exemplos de grandes testemunhos. Inúmeras pessoas não apenas trilharam o caminho do discipulado de Jesus Cristo, mas também viveram de tal modo sua fé, que construíram o Reino de Deus ao seu redor.

Na primeira leitura, o Apocalipse de João descreve, em linguagem simbólica, a multidão daqueles que deram a vida pela fé no Cordeiro de Deus. Eles "aclamam em alta voz que a salvação pertence somente ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro". A segunda leitura nos recorda que, pelo sacramento do batismo, fomos chamados para a vida de santidade como filhos e filhas de Deus. O Evangelho nos apresenta as bem-aventuranças como caminho de uma vida pautada pelas diretivas de Deus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ap 7,2-4.9-14)

A leitura do Apocalipse proposta nesta liturgia descreve a multidão dos santos ao redor do trono celeste, lugar que, na linguagem apocalíptica, significa a morada de Deus. Eles são provenientes de todas as tribos de Israel, simbolizando que a corte celeste é a morada de todos os santos, que vêm de todos os lugares. O cenário descrito é de uma grande liturgia, em que todos adoram somente aquele que está no trono celeste, Deus, e o Cordeiro. Trajam vestes brancas, símbolo da pureza daqueles que não praticaram a idolatria. Trazem uma palma na mão, que expressa o testemunho por meio do martírio. Esse sinal é conservado até hoje nas imagens dos santos que testemunharam sua fé mediante a doação da própria vida. Todos aqueles que foram marcados pelo sinal do batismo são protegidos por Deus contra as forças do mal. O número 144 mil (12 x 12 x 1.000) é representativo de todas as tribos de Israel, das quais se originaram as comunidades cristãs. Desse modo, as comunidades cristãs espalhadas pelo mundo estão em comunhão com todos os antepassados que foram fiéis à Aliança. O número doze simboliza totalidade,

*Ir. Izabel Patuzzo pertence à Congregação Missionárias da Imaculada. Mestre em Aconselhamento Social pela South Australian University e em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Licenciada em Filosofia e Teologia pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção. Doutora em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. *E-mail:* isabellapatuzzo@hotmail.com

completude. Ao recordar o nome de cada tribo (v. 5-8, ausentes na leitura), João indica às comunidades de seu tempo que Deus conhece cada uma pelo nome, para a eternidade.

2. II leitura (1Jo 3,1-3)

A primeira carta de João foi escrita para aprofundar a espiritualidade cristã e a consciência da ética social das comunidades cristãs espalhadas pelo mundo mediterrâneo do primeiro século. Com a morte dos apóstolos, as comunidades da segunda geração sofrem com as hostilidades e ameaças da parte do Império Romano e com as heresias vindas do mundo helênico gentio. Nesse contexto, João deseja fortalecer a fé dos discípulos e discípulas de Jesus Cristo.

O texto da segunda leitura apresenta os traços característicos dos filhos e filhas de Deus, que é o amor traduzido em ações. O amor a Deus e ao próximo deve estar no "DNA" do cristão. O ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus; em consequência, a criatura humana é chamada a cuidar da obra da criação, no sentido mais amplo da palavra, com amor. As obras do mal, como vingança, violência, mentira, corrupção, roubo, por exemplo, não podem habitar o coração dos filhos e filhas de Deus. O cristão tem uma missão no mundo, que é a vivência da caridade e dos valores evangélicos. Em Jesus Cristo, o amor de Deus se revelou em plenitude. Jesus veio para iluminar as trevas e distinguir quem caminha na luz de quem caminha na escuridão.

A leitura é grande convite para perseverarmos no amor divino, que habita em nós pela água e pelo Espírito, derramados sobre nós no batismo, e no amor de Cristo, pelo qual Deus nos concede a vida eterna. Ser membro da comunidade de fé significa pertencer à grande família dos filhos e filhas de Deus, que rejeitam todas as obras do mal.

3. Evangelho (Mt 5,1-12a)

A proclamação das bem-aventuranças na montanha é dirigida àqueles que já estão no caminho do discipulado. Esse ensinamento de Jesus é a carta magna para aqueles que escolheram os valores do Reino de Deus. Por isso, o Evangelho segundo Mateus insere esse discurso da montanha logo após o chamado dos primeiros discípulos. O conjunto das bem-aventuranças constitui as orientações vitais para uma comunidade que tem Jesus Cristo como Mestre e atualiza a Lei mosaica para o contexto cristão.

O relato mateano das bem-aventuranças deixa entrever que Jesus se dirige aos pequenos, enfermos, pobres, àqueles que depositam toda a sua confiança em Deus, e não nos bens e poderes deste mundo. Dizer que os pobres são bem-aventurados significa dizer que a humildade e a simplicidade são atitudes fundamentais para os discípulos e discípulas do Senhor, pois os ajudam a não cultivar a busca pelo ter ou o domínio sobre os irmãos e irmãs.

As oito bem-aventuranças formam um todo que se inicia e se conclui com a mesma expressão iluminadora: "porque deles é o Reino dos Céus". A palavra "justiça" também é um termo central nessa passagem. Trabalhar pela justiça é atitude profética. Lutar pelos direitos dos pobres é prática que vem de longa tradição bíblica, presente na Lei mosaica, e, portanto, acompanha o povo de Deus desde os tempos mais antigos.

As primeiras bem-aventuranças recordam que a pobreza de espírito está estreitamente ligada à atitude de mansidão. Jesus foi humilde e manso de coração, rechaçando todo tipo de violência e agressão. Os aflitos serão consolados, pois, assim como Jesus os consolou, também seus discípulos e discípulas são chamados a consolar os que sofrem, sobretudo as vítimas de injustiça. Os puros de coração representam todos os que escolhem o caminho do direito e da verdade. E os que trabalham pela paz têm uma missão essencialmente social. Os que são perseguidos porque promovem a justiça e a paz representam todas as pessoas que, apesar de sofrerem por serem coerentes

com os valores do Reino, cultivam no coração o espírito das bem-aventuranças.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Todas as leituras desta solenidade abrem-nos o espírito e o coração para seguirmos um caminho de santidade com o olhar para a realidade além deste mundo. Para alcançar a glória da ressurreição, tudo o que se passou com Jesus também se realizou e se realiza na vida de quem abraça a fé cristã.

Como membros da grande família dos filhos e filhas de Deus, temos traços em comum, dos quais o principal é a vivência do mandamento do amor na sua concretude. A solenidade deste domingo reúne inúmeros testemunhos de santos e santas que trazem em si a imagem e semelhança de Deus; rostos de uma humanidade transfigurada. Os santos não se consideravam pessoas perfeitas e, de fato, não eram. Somente Deus é perfeito. Não obstante, esforçaram-se para se aproximar da imagem de Jesus Cristo, buscando a cada dia crescer como seres humanos, como discípulos e discípulas, tendo como meta a fidelidade ao Evangelho.

TODOS OS FIÉIS DEFUNTOS

2 de novembro

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, religioso da Pia Sociedade de São Paulo (Paulinos), é doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, jornalista de formação, professor na Fapcom (Faculdade Paulus de Comunicação) e editor de *Vida Pastoral*. *E-mail*: iraildo@paulus.com.br.

Rins cingidos e lâmpadas acesas!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A celebração de Finados não é um culto à morte nem uma exaltação da saudade pela saudade. Para a Igreja, essa comemoração é uma proclamação da vitória de Cristo sobre o abismo da morte. Ao visitarmos os cemitérios ou nos reunirmos em oração por nossos irmãos e irmãs falecidos, fazemos um exercício profundo de comunhão dos santos, como rezamos no credo. Reconhecemos que o amor é a única força capaz de atravessar a fronteira do tempo e do espaço.

O mistério da morte é, humanamente falando, a maior das incógnitas. Ela interrompe diálogos, quebra projetos e impõe o silêncio. Contudo, a liturgia deste dia nos convida a olhar para esse "muro" e enxergar nele uma porta. A celebração aponta para a esperança escatológica: não rezamos pelos mortos como se estivessem perdidos, mas como quem acompanha, com a prece, aqueles que nos precederam na travessia para a eternidade.

Nossa meditação é guiada pela confiança inabalável de Jó, pela lógica da ressurreição de Paulo e pela exortação à vigilância de Lucas. Juntos, esses textos formam um mosaico que responde à pergunta fundamental do coração humano: "Para onde vamos?". A resposta não é só um lugar, mas sobretudo uma Pessoa: Jesus Cristo, o primogênito dos mortos.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Jó 19,1.23-27a)

O livro de Jó é o grito da humanidade sofredora que se recusa a abandonar a Deus, mesmo quando o silêncio divino parece ensurdecedor. No trecho proposto, Jó atinge o ápice de sua jornada espiritual. Ele perdeu tudo: bens, filhos e a própria saúde. Sentado sobre as cinzas, não busca uma explicação filosófica para seu mal, mas faz uma confissão de fé que ecoa no tempo.

O redentor vivo. A palavra hebraica utilizada por Jó é *Go'el*. No contexto jurídico de Israel, *Go'el* era o parente próximo que resgatava a honra, a liberdade ou a propriedade de um familiar caído. Ao dizer: "Eu sei que o meu redentor está vivo", Jó afirma que Deus é seu parente mais próximo, aquele que não o deixará no esquecimento.

A visão beatífica. Jó declara que, mesmo após a destruição de sua carne, ele verá a Deus. Isso é revolucionário para a época. Ele antecipa a intuição cristã de que a identidade da

pessoa – o seu "eu" – não se dissolve na morte. A esperança de Jó é corporal: "meus próprios olhos o verão". É a afirmação de que a redenção não é apenas espiritual, mas atinge a totalidade do ser humano.

Para a homilia, esse texto serve para validar a dor de quem sofre (Jó está sofrendo), mas também para oferecer o "porto seguro" da fé: a certeza de que nossa vida tem um Defensor que sobrevive à nossa morte biológica.

2. II leitura (1Cor 15,20-24a.25-28)

São Paulo apresenta em Coríntios a fundamentação lógica e teológica da nossa esperança. Ele não fala da ressurreição como um evento restrito à vida de Jesus, mas como o início de um "efeito dominó" que transformará toda a realidade.

As primícias. No antigo Israel, as primícias eram os primeiros frutos da colheita, oferecidos a Deus como sinal de que toda a safra lhe pertencia. Cristo é a primícia. Se ele ressuscitou, a "safra" (a humanidade unida a ele) necessariamente ressuscitará. A sorte da Cabeça é a sorte dos membros do Corpo.

A vitória sobre o último inimigo. Paulo personifica a morte como um "inimigo". Ele não romantiza o fim da vida. A morte é uma intrusa no projeto original de Deus. No entanto, o apóstolo garante que Cristo está reinando e a morte será o último poder a ser destruído.

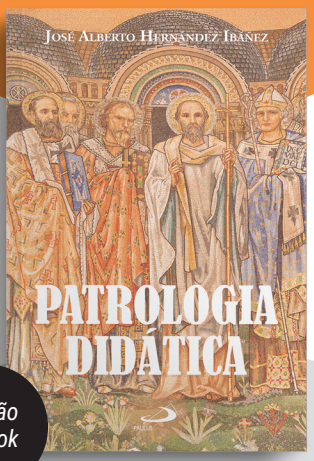
Deus tudo em todos. O objetivo final da ressurreição não é apenas a sobrevivência individual, mas também a restauração da harmonia cósmica. Quando a morte for vencida, o Reino será entregue ao Pai. Isso significa que a finalidade da nossa vida é a imersão total na vida divina. O dia de Finados é, portanto, a ocasião de celebrar o destino de glória que nos aguarda.

3. Evangelho (Lc 12,35-40)

O Evangelho de Lucas traz uma dimensão prática e existencial para este dia. Se Jó nos dá a esperança e Paulo nos dá a teologia, Jesus nos dá a atitude: a vigilância.

PATROLOGIA DIDÁTICA

José Alberto Hernández Ibáñez



Versão E-Book

A obra tem o intuito de introduzir o leitor no estudo da doutrina e da espiritualidade dos Padres da Igreja. A Patrologia é a ciência da Antiguidade cristã que lança as bases para o desenvolvimento da fé e das tradições que forjaram a compreensão da Revelação bíblica no contexto da cultura greco-romana.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

Rins cingidos e lâmpadas acesas. Na cultura bíblica, cingir os rins significa estar pronto para a ação, para a caminhada (como no Êxodo). As lâmpadas acesas representam a fé e a caridade, que não podem se apagar na noite deste mundo. A morte não deve ser vista como uma fatalidade que nos pega de surpresa para o julgamento, e sim como o momento em que o Senhor da casa retorna.

O Deus que serve. Há um detalhe surpreendente no texto desse Evangelho: Jesus diz que, ao chegar, o senhor fará os servos se sentarem à mesa, cingirá sua própria veste e passará a servi-los. Isso inverte toda a lógica humana de poder. A morte, para o cristão vigilante, é o encontro com o Deus que se faz servo para nos introduzir no banquete eterno.

A imprevisibilidade. "O Filho do Homem chegará na hora em que menos pensardes." Esta não é uma ameaça, para causar medo, mas um convite a vivermos cada dia com significado. Se a morte pode chegar a qualquer momento, então cada momento é oportunidade de amar e de estar em Deus. A morte não é o fim da vigilância, mas seu prêmio.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A morte não é a última palavra de Deus sobre o ser humano, mas o último suspiro da nossa limitação, antes do abraço da eternidade. Recordar os mortos é atualizar a certeza de que o amor que dedicamos a eles aqui na terra é um vínculo que Deus preserva para sempre. O cristão não encara o cemitério como um depósito de corpos, mas como um campo semeado de esperança, aguardando a colheita da ressurreição final. Viver bem este dia significa reconciliar-nos com a própria finitude, sabendo que nossa vida está "escondida, com Cristo, em Deus". A vigilância que o Evangelho pede é, em última análise, a prontidão de quem sabe que o Senhor não vem como um juiz severo, mas como o anfitrião que nos preparou um lugar à mesa.

32º DOMINGO DO TEMPO COMUM
8 de novembro

Vigiai e estai preparados!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Em sintonia com a proximidade da conclusão do ano litúrgico, as leituras deste domingo nos convidam à vigilância. O tema da segunda vinda do Senhor, que perpassa as leituras, ressalta a importância de caminharmos sempre atentos às manifestações de Deus em nossa vida. A primeira leitura nos apresenta o dom da sabedoria divina, concedida ao ser humano como manifestação da gratuidade de Deus. O Criador não guarda sua sabedoria para si, mas a compartilha com o ser humano, a fim de iluminar sua vida e conduzi-lo ao caminho da felicidade. Na segunda leitura, Paulo dirige-se à comunidade dos cristãos de Tessalônica, assegurando que Cristo virá uma segunda vez para concluir sua obra redentora e inaugurar a última e definitiva etapa da história da salvação. Aqueles que permanecerem fiéis à fé cristã irão experimentar esse encontro definitivo com Ele. O Evangelho nos recorda que somos convidados a estar sempre preparados para a vinda do Senhor. O discípulo de Jesus é vigilante em sua fé, por isso está atento às manifestações de Deus em sua vida.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Sb 6,12-16)

O livro da Sabedoria pertence ao gênero da literatura sapiencial do Antigo Testamento, a qual forma a última parte dos escritos veterotestamentários. A literatura sapiencial reinterpreta a Lei mosaica com a sabedoria da longa tradição do povo de Deus, que aprendeu a tomar lições da história. Esse livro nasce das comunidades dos fiéis em situação de diáspora, convivendo com outras culturas. O contato com outros povos, por um lado, ampliou a sabedoria, o conhecimento do povo judeu;

por outro, alertou-o sobre o perigo da idolatria, dos costumes que poderiam pôr em risco sua identidade de povo escolhido, chamado a caminhar sob as diretivas da Lei de Deus.

O texto proposto para a liturgia deste domingo pertence à segunda parte do livro da Sabedoria, atribuindo a Salomão um elogio à sabedoria. Evidentemente, na época em que o livro foi composto, por volta do século I a.C., o reinado de Salomão já era conservado apenas na memória, por vários séculos. A sabedoria desse rei foi apenas superficial, pois se deixou levar pela idolatria e se distanciou da Lei de Deus. Por isso, o autor do livro da Sabedoria faz um convite à comunidade dos fiéis a tirar lições da história e buscar a arte do bem viver. A sabedoria, na visão bíblica, consiste em adotar um conjunto de princípios práticos, uma conduta ético-moral deduzida da longa experiência como povo consagrado a Deus. Os Mandamentos precisaram ser atualizados e ampliados em um conjunto de leis que respondessem aos novos desafios, mas, em sua essência, tinham como objetivo proporcionar à comunidade dos fiéis uma vida ordenada, justa, equilibrada, garantindo o futuro de Israel. Para o povo escolhido, as diretivas divinas são a fonte de toda sabedoria. Portanto, é sábio todo aquele que põe em prática a Lei de Deus, enriquecida com a experiência de vida preservada na tradição.

2. II leitura (1Ts 4,13-18)

Segundo os relatos apresentados no livro dos Atos dos Apóstolos, a permanência de Paulo em Tessalônica foi muito breve. Contudo, a comunidade local acolheu o anúncio da Boa Notícia com grande prontidão, respondeu com grande fervor e entusiasmo ao Evangelho pregado por Paulo. Por isso, o apóstolo acompanha o crescimento espiritual dos cristãos de Tessalônica com grande preocupação. Sentindo a necessidade de um aprofundamento catequético, sobretudo porque foram postos à prova pela sinagoga dos judeus, Paulo envia Timóteo para assistir pastoralmente os tessalonicenses.

Uma questão teológica que deixou muitas dúvidas nos cristãos da comunidade dizia respeito à segunda vinda de Jesus Cristo, no fim dos tempos. Essa doutrina não havia sido bem compreendida na primeira pregação de Paulo. Alguns acreditavam que tal vinda era iminente, enquanto outros a concebiam como realidade de um futuro muito distante. Essa dúvida teve impacto na vida dos cristãos. Paulo exorta a comunidade a não se preocupar com o tempo da vinda do Senhor, e sim em viver uma vida segundo o Evangelho, pois essa é condição fundamental para alcançar a salvação.

3. Evangelho (Mt 25,1-13)

A parábola das dez virgens aparece no contexto dos últimos ensinamentos de Jesus aos discípulos antes de sua paixão, morte e ressurreição. O relato se insere no final da caminhada para Jerusalém, quando Jesus está prestes a entrar na cidade, pouco antes de seu julgamento. Todo o capítulo 25 de Mateus é chamado de o último discurso escatológico. A narrativa apresenta o juízo final na perspectiva teológica do evangelista e de sua comunidade. A atitude fundamental das personagens é a preparação para a vinda do Senhor.

O Evangelho segundo Mateus foi escrito depois dos meados do século I d.C. – portanto, quando os cristãos já não esperavam a vinda iminente do Senhor. A comunidade seguia despreocupada com uma possível segunda vinda de Jesus Cristo. Essa compreensão escatológica do fim dos tempos contribuiu para a instauração de um espírito de acomodação em muitos membros da comunidade. A parábola, então, chama a atenção dos fiéis, pois, embora ninguém saiba quando o Senhor virá, é preciso que cada um leve uma vida de compromisso, de vigilância, à espera do Senhor, como se ele pudesse vir a qualquer momento.

O evangelista Mateus faz verdadeira catequese com essa parábola, aludindo ao casamento, para recordar aos discípulos e discípulas a Nova Aliança selada com Jesus. Por isso,

o relato apresenta um cenário de casamento, com rituais típicos dos costumes judaicos. Segundo a cultura judaica daquele tempo, a cerimônia começava com a preparação da noiva, que esperava a vinda do noivo para levá-la para a casa onde iriam habitar juntos. Esses preparativos envolviam as famílias de ambos os noivos, parentes e amigos. Desse modo, a preparação e o cumprimento dos papéis de cada um no cerimonial eram extremamente importantes. Mateus usa dessa metáfora para comparar como deve ser a preparação do(a) discípulo(a) para o encontro definitivo com o Senhor. Esse encontro deve ser bem preparado, para se realizar na alegria, como a de um casamento. A comunidade fiel espera pelo encontro com o Senhor com muita expectativa, com ansiedade pela chegada do Messias. As virgens imprudentes representam aquelas pessoas cuja fé e compromisso esmoreceram, que perderam o entusiasmo, caíram no desânimo e já não têm vivacidade para o encontro pessoal com Jesus no cotidiano.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Podemos nos interrogar: que sentido ainda tem essa parábola para nós, em nossa vivência comunitária atual? Nossa comunidade encontra-se em um contexto muito diferente do da comunidade de Mateus, mas também experimentamos momentos de envolvimento entusiasta e, às vezes, de desencantamento, sobretudo quando as dificuldades nos levam a perder a alegria e a inspiração para um engajamento mais pleno. As tribulações da caminhada, os atrativos de outras atividades fora da comunidade, as preocupações familiares e de trabalho podem nos afastar do caminho de um discipulado mais comprometido.

As leituras nos recordam que os discípulos e discípulas sábios são aqueles que vivem na esperança, como nos indica a segunda leitura. Atualizando a narrativa evangélica, são aqueles que dão valor a cada oportunidade de preparar bem o encontro definitivo com Deus, estabelecendo prioridades, fazendo tudo bem-feito, como as virgens que se preparam bem para a chegada do noivo e para a celebração da festa do encontro.

33º DOMINGO DO TEMPO COMUM
15 de novembro

Quem permanece em mim produz muitos frutos

I. INTRODUÇÃO GERAL

Ao nos aproximarmos do fim do ano litúrgico, a liturgia nos proporciona uma reflexão acerca dos frutos que produzimos para o Reino e para nossa vida no decorrer do mistério que celebramos o ano todo. Por isso, todas as leituras deste domingo recordam que cada discípulo(a) de Jesus Cristo tem a missão de, no tempo em que vivemos, ser testemunha ativa e comprometida com o projeto de Deus para a salvação de todos.

A primeira leitura apresenta a figura da mulher virtuosa que cuida de sua família, atenta às tarefas cotidianas, assegurando a felicidade e o bem-estar de cada membro familiar, como sábia fiel que organiza a vida com base nos valores sagrados da tradição judaica. Na perspectiva bíblica, isso é viver sabiamente. É ser capaz de conjugar a responsabilidade do trabalho com o compromisso de ser membro da comunidade de fé, na generosidade que vem do temor de Deus. Na segunda leitura, o apóstolo Paulo exorta a comunidade dos tessalonicenses a esperar a segunda vinda do Senhor mediante o trabalho intenso, a fim de cumprir com as responsabilidades de cidadãos e membros da comunidade cristã. No Evangelho, a parábola dos talentos apresenta duas atitudes opostas de quem espera pela vinda do Senhor. Jesus louva aqueles que ativamente se esforçam para produzir frutos, pondo à disposição dos outros os dons que Deus lhes concede, e rejeita a atitude de comodismo daquele que pauta sua vida pelo medo e pela apatia e não se arrisca a

assumir compromissos de servir a comunidade, enterrando, assim, seus talentos. Portanto, a parábola nos convida a uma reflexão sobre quanto nos esforçamos para desenvolver os talentos que Deus nos confia, cuidando para não desperdiçá-los ou cairmos no comodismo.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Pr 31,10-13.19-20.30-31)

O livro dos Provérbios é uma coletânea de ditos, máximas e provérbios, de caráter didático e ético-moral, nos quais se cristalizaram a sabedoria popular de Israel. Esses escritos fazem parte da literatura sapiencial do Antigo Testamento. Os escribas que se dedicaram a compô-los tinham como objetivo instruir e exortar os membros das comunidades de fiéis a fim de estabelecer uma vida social ordenada, harmoniosa, e desse modo beneficiar a família e a comunidade.

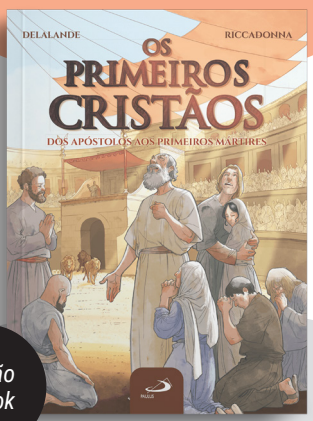
Um provérbio caracteriza-se por uma afirmação incisiva que visa expressar determinada verdade de um modo impressionante e memorável. Por isso, os provérbios bíblicos são curtos, para facilitar sua memorização. Entre os vários tipos de provérbios apresentados no livro, muitos são simples observações sobre a vida, ensinamentos adquiridos na arte do bem viver. Portanto, a natureza dessa sabedoria não é a do conhecimento científico, reservado a poucos, mas a de algo que pode ser buscado por todos.

O texto proposto pela liturgia é uma citação do final do livro dos Provérbios. No idioma originário em que foi composto, apresenta-se como um poema, seguindo a sequência alfabética do hebraico. A primeira letra de cada verso segue essa ordem para falar da mulher virtuosa, isto é, de como ela organiza com sabedoria sua casa. O poema reúne uma série de atitudes que, na concepção judaica, melhor descrevem a mulher sábia. Ela consegue criar um ambiente familiar que proporciona bem-estar e felicidade a seus filhos e a seu marido.

OS PRIMEIROS CRISTÃOS

DOS APÓSTOLOS AOS PRIMEIROS MÁRTIRES

Arnaud Delalande



Versão E-Book

De forma envolvente e jovial, o livro conta a história das origens da Igreja no formato narrativo e visual das histórias em quadrinhos (HQ). O leitor acompanha como se organizou a comunidade dos primeiros cristãos após a morte e ressurreição do Senhor. Testemunhos de coragem e fidelidade que revelam compromisso com uma fé vivida em meio aos desafios.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

O retrato da mulher sábia descrito nessa leitura apresenta a mãe de família que dirige com eficiência, dedicação e empenho sua casa, sendo corresponsável com seu marido não apenas na administração da casa, mas também na de todos os bens da família.

2. II leitura (1Ts 5,1-6)

A missão de Paulo e Silas em Tessalônica passou por quase todas as sinagogas judaicas, concentrando-se em provar aos judeus, com base nas Escrituras, que Jesus era o Messias, o enviado de Deus anunciado pelos profetas. Entre os convertidos ao cristianismo, incluíam-se alguns judeus e grande parte de gentios simpatizantes do judaísmo. Em Tessalônica, Paulo encontrou forte oposição por parte dos judeus, que consideravam o cristianismo uma seita que estava desviando as pessoas do verdadeiro ensinamento da tradição. Por isso, o apóstolo é obrigado a deixar a cidade e acompanhar pastoralmente a comunidade por meio de suas cartas.

O texto desta liturgia é uma continuação do texto do domingo passado. Um dos grandes problemas para os tessalonicenses era a compreensão teológica da segunda vinda de Jesus Cristo, denominada "dia do Senhor". A concepção do "dia do Senhor" referia-se à última intervenção de Deus na história humana, para restaurar definitivamente o caos instaurado na terra pela corrupção do pecado. Os fiéis esperavam que finalmente o Reinado de Deus iria começar. Segundo essa concepção, Deus derrotaria os maus e conduziria os bons para a vida plena. Seria o começo da última etapa da história da humanidade, na qual Deus eliminaria todas as forças do mal existentes no mundo.

É nesse contexto que os cristãos de Tessalônica se interrogam sobre qual seria a sorte dos cristãos que haviam morrido sem ver o "dia do Senhor". Como poderiam entrar nesse Reino definitivo, se já se encontravam no reino dos mortos? Paulo responde a essa questão, dizendo que não se preocupassem com quando o Senhor viria, e sim em como estavam vivendo, para se prepararem bem para o encontro definitivo com Deus.

3. Evangelho (Mt 25,14-30)

A parábola dos talentos, tal como apresentada no Evangelho segundo Mateus, é narrada por Jesus, que se dirige aos seus discípulos pouco antes de sua condenação, morte e ressurreição. No contexto em que é inserida por Mateus, seu enredo favorece uma reflexão sobre o estilo de vida a ser adotado até que o Filho do Homem retorne, convidando os discípulos a um responsável uso dos bens de Deus, em vista do julgamento que está por vir. Um talento equivalia a 6 mil denários. O denário correspondia ao pagamento de um dia de trabalho. Portanto, um talento era uma quantia significativa de dinheiro. Jesus, porém, usa essa quantidade valiosa de dinheiro para falar de outra realidade: o bem valioso de produzir frutos para o Reino de Deus. A quantia de talentos mencionada por ele era apenas um atrativo para chamar a atenção de seus ouvintes.

O evangelista Mateus leva em conta, em sua catequese, a realidade de sua comunidade cristã. Na ausência física do Senhor Jesus Cristo, o discípulo é convidado a se esforçar continuamente para dar frutos em abundância para o Reino dos Céus. O retorno do Senhor é certo como na parábola. Deus não exige proezas, por isso não dá a mesma quantia aos seus servos. Ele conhece os limites e as capacidades de cada um. Não julga pela quantidade, mas pelas atitudes, pelo esforço, pelo empenho e dedicação individuais.

Os dois primeiros servos representam aqueles que recebem os talentos e deles cuidam com responsabilidade, porque o Senhor lhes confiou algo de precioso. O terceiro servo representa aquelas pessoas que não têm responsabilidade com os outros e, assumindo uma atitude fria e egoísta, se dedicam apenas ao que é seu.

Essa parábola se fundamenta em um ensinamento judaico segundo o qual Deus não confia grandes coisas a quem não prova ser fiel no pouco. Deus só pode confiar grandes coisas a quem é fiel nas pequenas coisas que ele concede.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Na perspectiva das leituras deste dia, a imagem da mulher sábia e virtuosa retrata todas as pessoas que conduzem a si próprias de acordo com o bem comum, com as virtudes da generosidade e do temor de Deus, estabelecendo valores que visam proporcionar vida digna e verdadeira felicidade para si e para os outros. Em sintonia com essa temática, atualizando a segunda leitura para nossa realidade atual, vemos que a esperança de nosso encontro definitivo com o Senhor após a morte aponta para uma vida de vigilância e sobriedade, pois fomos criados para a eternidade junto com Deus e com todos os que compartilham da vida eterna. O Evangelho nos apresenta duas atitudes opostas, que nos ajudam a estabelecer um confronto com nós mesmos, a fim de examinarmos qual é nosso perfil de servos e servas de Deus, com que responsabilidade assumimos nossos compromissos pessoais, familiares e sociais. A missão e os dons que o Senhor nos confia não são para serem enterrados, e sim para darem frutos para o Reino, tendo em vista nossa felicidade e também daqueles que nos rodeiam.

NOSSO SENHOR JESUS CRISTO,
REI DO UNIVERSO

22 de novembro

A força do poder do amor

I. INTRODUÇÃO GERAL

Neste último domingo do ano litúrgico, a Igreja celebra a solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo. As leituras desta liturgia falam do Reino de Deus segundo os ensinamentos de Jesus. Na primeira leitura, o profeta Ezequiel retrata a imagem de Deus sob a figura do bom pastor. O texto ressalta a autoridade de Deus em seu papel de condutor da humanidade, mas também seu cuidado amoroso. Na segunda leitura, Paulo recorda aos cristãos que a caminhada do discipulado tem como meta a participação na plena realização do Reino de Deus.

Nos escritos neotestamentários, a concepção de Reino não se assemelha àquela cultivada por grande parte dos judeus contemporâneos. Essa diferença refere-se, particularmente, à expectativa da libertação política no contexto da longa dominação histórica dos sucessivos impérios que governaram a Palestina. Jesus indica que o Reino de Deus já está presente, de forma discreta, sem uma instauração esplendorosa. Apenas seus sinais são evidentes, como nos apresenta o texto de Mateus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ez 34,11-12.15-17)

Ezequiel exerceu seu ministério profético entre os judeus exilados na Babilônia por volta do ano 597 a.C. Contemporâneo à deportação de toda a corte de Judá para a Babilônia, ele contempla o cenário de guerra e destruição de Jerusalém e, nesse contexto, dirige sua mensagem aos exilados, ajudando-os a aceitar a dura realidade do cativeiro. Ezequiel ajuda a comunidade a perceber que essa situação não é passageira. Por isso, exorta-a a organizar sua vida com consciência da real situação que irá enfrentar. Vivendo entre os exilados, o profeta acompanha o processo de instalação em terras estrangeiras. Privados da vida religiosa no templo, sem culto, imersos em outra cultura, enfrentando uma mudança radical no modo de vida, os exilados sentem-se abandonados por Deus e desanimados. Diante dessa realidade, Ezequiel procura reanimar o povo, suscitar-lhe a esperança e apontar-lhe novas formas de viver sua fé. Ele ajuda a comunidade a compreender

que, independentemente de onde estiverem, Deus estará com eles.

No texto proposto pela liturgia deste domingo, o profeta se dirige aos exilados, anunciando o plano de Deus para pastorear seu povo, assim como um bom pastor que cuida de todas as necessidades do rebanho. Deus mesmo irá apascentar as ovelhas, reunindo as que estão dispersas, reconduzindo as que estão perdidas, cuidando daquelas que estão feridas e confortando as que estão abatidas. Diante da omissão das autoridades políticas que abandonaram as ovelhas, Deus restaura seu povo, revertendo todo mal praticado pelos pastores humanos. Ele cuida com justiça de seu rebanho, atento às necessidades de cada ovelha, transformando a situação de sofrimento em bênçãos, pois somente Deus é capaz de restaurar a dignidade dos seus. A mensagem do profeta destina-se a dar esperança aos desanimados, diante da situação de dispersão e sofrimento causados pelos desvios das autoridades políticas de seu tempo.

2. II leitura (1Cor 15,20-26.28)

A primeira carta de Paulo à comunidade de Corinto indica que o apóstolo considerava a Igreja nessa cidade como o centro de um grupo de igrejas domésticas estabelecidas na região. Essas comunidades são fruto de sua segunda viagem missionária. Ele permaneceu nessa região por quase dois anos. Sua atividade missionária atraiu muitos gentios, em sua maioria pobres trabalhadores. No entanto, havia também membros de origem judaica, que cresceram nessa realidade de diáspora. Esse conjunto de comunidades jovens, que acolhiam pessoas de origem grega e judaica, enfrentou problemas de discórdia, pois reunia tradições religiosas muito diferentes. Nesse contexto, era quase natural haver concepções diferentes acerca de valores espirituais, éticos e morais. A grande dificuldade da comunidade de Corinto era a inculturação do Evangelho na cultura helênica. Em suas cartas, Paulo tenta ajudá-la a superar as dificuldades, a fim de encontrar caminhos para viver a fé cristã em plenitude. A imersão em uma cultura pagã, que cultivava outros valores religiosos e culturais, a exaltação da sabedoria filosófica e o culto a vários deuses, tudo isso entrava em conflito com a pregação de Paulo.

Diante da cultura grega, fortemente marcada por filosofias que pregavam certas ideias e crenças sem sintonia com a fé cristã, como o desprezo pelo corpo e a valorização apenas da alma, a aceitação pacífica de práticas escravagistas e a indiferença ao sofrimento alheio, Paulo se dirige aos cristãos de Corinto, recordando que Cristo ressuscitou dos mortos para nos dar a vida plena. A ressurreição de Cristo é a razão de nossa esperança e a certeza de que nossa fé não é vã. Seu Reinado, segundo essa leitura, consiste em acreditar que ele venceu todas as formas de morte pela obediência ao Pai e pelo amor. Ele abriu o caminho para que todo aquele que nele crê tenha a vida eterna. A certeza da ressurreição fortalece o anúncio do Evangelho na comunidade de Corinto.

3. Evangelho (Mt 25,31-46)

A perícope do Evangelho deste domingo marca o final da atividade pública de Jesus, antes de sua paixão. Desse modo, Jesus conclui seu ensinamento acerca do juízo final. As três parábolas que precederam essa abordagem sobre o julgamento final formam um conjunto de respostas de Jesus à pergunta de seus discípulos sobre quando seria o fim dos tempos (cf. Mt 24,3). Por meio de uma série de parábolas, ele havia reorientado a questão com uma discussão mais importante do que a preocupação com o fim dos tempos: como nos preparar para a vida eterna.

Jesus denomina-se o Filho do Homem que vem realizar o juízo mediante a separação das ovelhas dos cabritos, simbolizando a função de pastor que o profeta Ezequiel mencionou. Portanto, o julgamento das nações, retratadas por ovelhas e cabritos, é ação pertencente somente a Deus. O Filho do Homem recebe

também o título de Rei, cuja missão é dirigir, governar aqueles que o Pai lhe confiou. Dessa forma, Jesus assume aqui dupla missão: pastorear e governar as nações. Como soberano, ele enumera todas as obras de misericórdia que o Pai estabeleceu como exigências para herdar o Reino dos Céus. Elas são condições fundamentais para receber as bênçãos divinas. Por fim, o Rei revela um mistério: tudo aquilo que é feito ao menor de nossos irmãos é a Ele que fazemos.

A segunda parte da narrativa diz respeito aos grupos de pessoas que não praticaram as obras de misericórdia e, por isso, recebem a maldição. Elas serão destinadas ao fogo eterno e também falham em não reconhecer o Rei. Jesus foi designado para ajudar as pessoas a tomar uma decisão de vida: escolherem ser as ovelhas, que praticam as obras de misericórdia, e não os cabritos, que são indiferentes aos sofrimentos e necessidades do próximo. O juízo universal de que o texto trata refere-se à capacidade de amar, de dar sem o desejo de receber, relaciona-se com a solidariedade humana.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A primeira leitura traz a imagem de Deus como o bom pastor que busca a ovelha desgarrada, cuida da que está doente e ferida e também zela pela que está saudável, pois cuida de todos os seus filhos e filhas. É nessa imagem que o cristão é chamado a inspirar-se em suas relações fraternas.

Na segunda leitura, Paulo parte da ressurreição de Jesus Cristo para responder às dúvidas e objeções daqueles que estão gerando conflitos no interior da comunidade. Ele recorda que, em Cristo, todos ressuscitarão, pois o destino da nova humanidade redimida por Jesus Cristo é a participação no Reino de Deus.

O texto do Evangelho propõe que a questão decisiva para quem segue Jesus Cristo é a prática do amor em gestos muito concretos. O último discurso de Jesus, na perspectiva de Mateus, é a atualização da antiga Lei para a

O APOSTOLADO DA EDIÇÃO

Bem-aventurado Tiago Alberione



Publicado em 1944, numa época de ruínas e esperanças, este texto é considerado a pedra angular da missão evangelizadora do Bem-aventurado Tiago Alberione. Um texto que interpela a todos aqueles que, com seriedade e zelo, caminham comprometidos com o Evangelho e convictos de que a comunicação é um instrumento eficaz de salvação.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

realidade de seu tempo, na qual se destacava o cuidado com os empobrecidos e necessitados, entre os quais se incluíam o órfão, a viúva e o estrangeiro. No tempo de Jesus, havia outras categorias de pobres e necessitados que dependiam da solidariedade e da fraternidade dos irmãos para recobrar a dignidade. O último domingo do ano litúrgico nos questiona sobre nossa solidariedade humana. Podemos escolher ser sensíveis ou indiferentes, abertos à bênção ou não.

1º DOMINGO DO ADVENTO
29 de novembro

Mostrai-nos, Senhor, a vossa misericórdia!

I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras do tempo do Advento do Ano Litúrgico B nos convidam a entrar na dinâmica da missão salvífica de Jesus Cristo. Ele adentra a história humana para nos salvar pela gratuidade e misericórdia. Os temas-chave deste tempo litúrgico são a preparação para a vinda do Senhor, a necessidade de conversão, para sua acolhida no meio de nós, a alegria de sua chegada e a decisão de abraçar o caminho do discipulado.

A primeira leitura da liturgia deste domingo é tomada do profeta Isaías, aquele que, já em tempos antigos, falava da importância de preparar os caminhos para receber o Senhor. O encontro com o Senhor é o acontecimento mais importante de nossa vida, por isso nos cabe prepará-lo com empenho. O texto nos apresenta Deus como o Pai, o redentor que vem ao nosso encontro. Na segunda leitura, Paulo recorda à comunidade de Corinto que Deus é sempre presente na história do povo escolhido e em nossa vida. O apóstolo propõe uma atitude de vigilância, como condição para perceber os sinais da presença divina.

O Evangelho de Marcos proposto para esta liturgia faz parte dos últimos discursos de Jesus, convidando os discípulos a enfrentar a história com coragem, determinação e esperança, confiantes que o Senhor vem. Enquanto esperamos por sua vinda, cumpre-nos permanecer vigilantes, participando ativamente da construção do Reino de Deus.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 63,16b-17.19b; 64,2b-7)

O texto deste domingo pertence ao terceiro livro de Isaías. Esses capítulos fazem parte de um conjunto de escritos atribuídos a um profeta anônimo que exerceu seu ministério profético entre os séculos VI e V a.C. A leitura retrata a situação do povo escolhido depois do exílio da Babilônia, na etapa de reconstrução de Jerusalém. Portanto, sua mensagem destina-se a avivar a esperança dos desanimados.

O texto que nos é proposto, possivelmente composto por um discípulo do profeta Isaías, fala ao povo que recentemente havia retornado do exílio babilônico. O profeta apresenta a Deus um apelo, à luz da miséria em que se encontram. Diante de um cenário de pós-guerra, a população está desanimada, atribuindo a dura situação ao esquecimento de Deus. Por isso, a leitura mistura súplica e lamentação. O profeta apela para o Deus redentor, pedindo-lhe que desça do céu e olhe para a dura realidade do povo. As maravilhas realizadas por Deus no passado é que animam a súplica profética. Isaías lembra os benefícios que Deus já operou e põe toda a comunidade dos fiéis em atitude de penitência, pois a destruição foi obra da infidelidade do povo.

Em forma de oração, a leitura expressa uma atitude de humildade daqueles que, diante de Deus, se reconhecem como uma porção de barro nas mãos do oleiro, dispondo-se a serem remodelados por Ele. O pecador reconhece suas fraquezas e necessita do poder restaurador do Senhor. Por isso o profeta se dirige a Deus como o Pai redentor, pois está convencido das

contínuas intervenções libertadoras do Senhor, que vem para salvar seu povo.

2. II leitura (1Cor 1,3-9)

O apóstolo Paulo chega a Corinto no decurso de sua segunda viagem missionária. Ele não trabalha sozinho, mas atua com sua equipe missionária – Silvano e Timóteo –, recebendo acolhida na casa de Priscila e Áquila. Como resultado dessa ação missionária da Igreja nascente, surge a comunidade de Corinto. Desde o início de sua pregação, o apóstolo diz que a existência cristã é marcada pela esperança da revelação do Senhor Jesus Cristo. Paulo consagrou-se inteiramente ao anúncio do Evangelho.

Corinto era uma cidade portuária muito próspera. Sua população era multicultural e multiétnica. Como um polo econômico emergente do mundo mediterrâneo do primeiro século, nessa cidade a riqueza e a prosperidade contrastavam com a miséria da maioria dos cidadãos. É nesse contexto que o apóstolo trata da esperança que anima os cristãos no aguardo da vinda do Senhor. Pela primeira vez, Paulo fala de carisma, palavra que define os dons que resultam da generosidade divina e são concedidos a todas as pessoas para o bem da comunidade.

Paulo desenvolve verdadeira catequese sobre os carismas, que são fruto do conhecimento, da sabedoria, mas na perspectiva cristã, e não da filosofia grega. O conhecimento supremo, na concepção paulina, é o de nosso Senhor Jesus Cristo. O apóstolo está convencido de que Deus cumulou a comunidade desses dons que vêm da sabedoria do alto. Por isso, os cristãos de Corinto escolheram caminhar na esperança da vida cristã, cujo sentido é orientar-se para o encontro final e definitivo com Cristo.

3. Evangelho (Mc 13,33-37)

No Evangelho deste domingo, Marcos apresenta a pregação final de Jesus, pouco antes de sua paixão e morte. É o terceiro dia em que ele se encontra em Jerusalém, ensinando seus discípulos e a multidão de ouvintes. Seu discurso caracteriza-se por uma linguagem profético-apocalíptica, carregada de símbolos. Sua mensagem destina-se a ajudar os discípulos a tomar decisões importantes diante das coisas que estão prestes a acontecer, as quais exigirão escolhas difíceis por parte daqueles que o seguem.

Jesus nos ensina a estar sempre de prontidão para sua vinda, pois essa hora pode pegar muitas pessoas de surpresa. Por conseguinte, ele pede uma atitude de constante vigilância nessa espera. Não se trata de vigilância inquieta, fundamentada no medo, mas da que consiste em andar nos caminhos que ele aponta.

Esperar o Messias enviado por Deus, que vem para salvar o povo, implica alimentar-se da fé, da certeza de que ele continuamente vem ao encontro da criatura humana. Todo aquele que abraça a fé cristã é chamado a viver na esperança do reencontro na alegria eterna, pois, de fato, sempre anda pela vida ao lado do Senhor. Nós o encontramos quando cumprimos os afazeres que ele nos confia, nas pessoas que amamos e servimos. A pequena parábola inserida no discurso fala da viagem, da partida do dono da casa, que é Jesus. Ao partir, ele deixou uma missão aos seus discípulos e espera que, na sua volta, os encontre vigilantes. Portanto, a espera do Senhor deve ser ativa, esperançosa, alegre, com a certeza de sua volta.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Ao iniciarmos este tempo de preparação para o Natal do Senhor, coloquemo-nos na presença de Deus, o sentido último de nossa existência e de nosso caminhar de discípulos e discípulas. Vivemos em tempos de reconstrução da esperança, pois as leituras deste domingo asseguram que o Senhor vem. Nossa caminhada humana não é um avançar sem sentido ao encontro do nada, mas uma caminhada feita na alegria, ao encontro do Senhor que vem. Não se trata de esperança vã, mas de certeza fundamentada na palavra do Senhor.

Em nossa longa tradição religiosa, o Advento caracteriza-se como tempo da espera do Senhor. Trata-se de um exercício anual de examinar em que medida estamos sendo vigilantes em nossa missão de batizados. Estar vigilante significa ter uma atuação ativa, compromissada com a prática do amor fraterno que Jesus nos ensinou.

2º DOMINGO DO ADVENTO
6 de dezembro

Preparai o caminho do Senhor!

I. INTRODUÇÃO GERAL

Todas as leituras da liturgia deste domingo fazem forte apelo ao arrependimento e à conversão. O sentido bíblico dessas duas palavras consiste em voltar para Deus. Esta oportunidade de retomar a caminhada é uma oferta misericordiosa de Deus, sempre aberto a oferecer sua graça, que restaura a comunhão com ele.

Na primeira leitura, o profeta anônimo que compôs o Dêutero-Isaías assegura aos exilados que o Senhor Deus é fiel à sua promessa e continua a conduzir seu povo em direção a nova etapa de vida, à retomada da Aliança. A segunda leitura aponta para a parúsia, isto é, para a segunda vinda do Senhor Jesus Cristo. Ambas as leituras falam de fidelidade e de vigilância, que consistem em viver de acordo com as diretivas de Deus. Aqueles que temem o Senhor pautam a vida por essa dinâmica contínua de discernimento à luz da Palavra de Deus; procuram manter-se vigilantes e dispostos a revisar a vida quando se desviam de Deus, abraçando a conversão sincera como caminho para uma existência orientada pela paz e pela alegria eterna.

O Evangelho nos confronta com a pregação de João Batista. O profeta convida seus ouvintes e seguidores a uma mudança radical de vida; apresenta-se como testemunha da realidade que anuncia e como condição para acolher o Messias. Ele comunica a chegada do Messias libertador, mas, para estar aberto à sua proposta, indica ser preciso percorrer autêntico caminho de conversão e aplicar-se a uma transformação de vida e mentalidade.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 40,1-5.9-11)

Na primeira leitura, ressoa uma magnífica mensagem desse discípulo longínquo do grande profeta Isaías e contemporâneo a Ciro, rei persa, que permitiu aos exilados o retorno para sua terra. Por isso, a segunda parte do livro do profeta Isaías é denominada livro da consolação. O exílio da Babilônia deixou os deportados em uma situação de humilhação diante dos inimigos. Muitos exilados estavam frustrados, desanimados, desorientados diante de uma derrota tão violenta. Essa situação dividiu a comunidade exilada. Alguns esperavam que um dia pudessem voltar à sua terra, outros preferiram reconstruir sua vida no exílio e deixar de considerar a possibilidade de retorno.

Em tal cenário, surge esse profeta anônimo, que imagina Deus reconduzindo os exilados para a nova Sião. Sua mensagem destina-se a consolar essa parte do povo escolhido para preparar no deserto outro encontro com o Senhor, como um segundo êxodo. A possibilidade de voltar à terra natal era real. Ciro o permite àqueles que desejam retornar. Por isso, o profeta se inspira nessa atitude e constrói nova imagem de rei, o qual se apresenta como um pastor cheio de ternura que conduz seu rebanho. A figura desse novo rei recorda o Senhor Deus, que, no passado, conduziu seu povo da escravidão para a liberdade.

Essa era a boa notícia para os que decidiram retornar a Jerusalém. O caminho agora é preparado com cuidado, para remover todos os obstáculos que impediriam esse reencontro com Deus no deserto. Considerar o retorno como um encontro com Deus no caminho do

Grandes respostas começam com um primeiro passo.

Um convite a conhecer o essencial de Santo Agostinho:
suas perguntas, sua experiência e seu caminho em Deus.



DISPONÍVEL TAMBÉM EM **E-BOOK**

DISPONÍVEL TAMBÉM EM **E-BOOK**

PAULUS

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
@editorapaulus

SAIBA MAIS

Tenha acesso a uma sublime herança da fé e da doutrina cristã.

Os volumes da coleção Patrística reunidos em um ***kit*** indispensável para estudantes, pesquisadores e leitores que desejam aprofundar o pensamento do grande doutor da Igreja.

27 VOLUMES



PAULUS

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
@editorapaulus

SAIBA MAIS

deserto e ser novamente conduzidos por ele na retomada da terra fez que os exilados enxergassem o exílio como um tempo de purificação e como uma oportunidade de recomeçar a vida em sua terra sem repetir os erros do passado.

2. II leitura (2Pd 3,8-14)

A segunda leitura, tomada da segunda carta de Pedro, foi composta em forma de testamento, como se o autor, sentindo que a morte se aproximava, desejasse dizer a seus familiares, amigos ou discípulos as coisas que considerava de suma importância. O texto nos põe na presença das primeiras comunidades cristãs. Estas esperavam para breve a nova vinda do Senhor, enquanto os que não compartilhavam da mesma fé hostilizavam e ridicularizavam os cristãos.

Tudo indica que o autor dessa carta é um cristão da segunda geração que dirige seu testamento aos irmãos e irmãs da comunidade, a fim de perseverarem na fidelidade aos ensinamentos recebidos dos apóstolos e não se deixarem confundir por outras doutrinas, apresentadas por falsos mestres. Por isso, ele exorta os discípulos e discípulas de Jesus Cristo a viver na justiça, aguardando na esperança a chegada do dia do Senhor. Além disso, explica sumariamente aos membros da comunidade as razões pelas quais o Senhor ainda não veio: o tempo de Deus não é o nosso. Deus não apressa a história, pois é paciente; ele oferece a todos a oportunidade de acolher a salvação. De resto, não cabe ao ser humano definir o exato momento da vinda do Senhor Jesus. Ele apenas nos garante a certeza da ressurreição.

3. Evangelho (Mc 1,1-8)

O texto do Evangelho deste domingo nos confronta com a conversão proclamada pelo profeta João Batista. Ao pregar o batismo de conversão às margens do rio Jordão, João fala da proximidade da chegada de Deus, conforme foi anunciada nas Escrituras. Para simbolizar em gestos a conversão, ele usava a água

O EVANGELHO LIDO NA TRADIÇÃO CRISTÃ: ANO A

Pablo Cervera Barranco



Esta obra oferece uma seleta e ampla antologia de textos de autores cristãos de todos os tempos, desde os Padres Apostólicos até escritores recentes, sobre os Evangelhos dominicais e festivos do primeiro ano do ciclo trienal (Ano A).

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

purificadora, recordando que, no passado, o povo escolhido se purificou naquele rio antes de tomar posse da Terra Prometida.

Marcos escreve a uma comunidade que, em sua grande maioria, era formada por gentios convertidos. Seu Evangelho foi composto no período de perseguição do imperador romano Nero (ano 66 d.C.). Diante dessa realidade, o evangelista percebeu que era preciso entender a identidade de Jesus. Por isso, a mensagem central de João Batista é preparar o caminho para acolher Jesus, adotando um estilo de vida próprio de quem se dispõe a acolhê-lo. João vai para o deserto, lugar onde o povo escolhido foi formado por Deus. A concepção de refazer a experiência do deserto fazia parte da renovação espiritual das comunidades dos fiéis. O próprio João adota um estilo de vida austero para se preparar para a chegada do Messias. Sua vida e testemunho são claro convite à renúncia dos valores do mundo, como a preocupação exagerada com a aparência, com o ter e o banquetear-se. João assemelha-se ao profeta Elias, profeta muito admirado pelo povo escolhido. Em síntese, João se propõe como mensageiro enviado por Deus para preparar o povo fiel para a chegada do Messias salvador.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

As palavras de consolação da primeira leitura nos recordam que Deus continua a servir-se de seus mensageiros para oferecer esperança ao mundo. Essa mensagem ainda hoje tem a força de nos interpelar e lembrar que somos convidados a abraçar os riscos de ver a realidade com os olhos de Deus e perceber em que aspectos de nossa vida precisamos recobrar o ânimo, o entusiasmo, o compromisso de preparar um encontro com o Senhor que ponha nossa vida em nova direção.

A certeza da vinda de Jesus nos dá sentido de futuro, pois nossa vida tem como finalidade ajuntar tesouros para a eternidade. A crença na vida plena com Deus, a fé na ressurreição, ajuda-nos a estabelecer valores para a vida, definir nossas prioridades e dar menor importância a valores efêmeros, como dinheiro, poder e êxitos humanos.

As palavras e o testemunho de João Batista nos questionam acerca de nosso estilo de vida. No Advento, tempo especial de preparação para o Natal do Senhor, somos convidados a discernir quais transformações radicais de vida, de mentalidade, de escolhas ou decisões precisamos realizar para que o caminho de acolhida de Jesus no coração seja bem preparado. Quais vales precisam ser aterrados? Quais montanhas devem ser aplainadas? Quais curvas necessitam ser endireitadas para que eu seja um(a) discípulo(a) mais comprometido(a) com o Reino de Deus?

3º DOMINGO DO ADVENTO
13 de dezembro

O Espírito do Senhor me ungiu e me enviou!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste domingo se caracteriza pela alegria. Todas as leituras ressaltam o projeto de Deus de nos retirar das trevas para sua luz. Elas nos encorajam a entrar no clima de alegria, porque a salvação está próxima. Na primeira leitura, o profeta do pós-exílio proclama sua mensagem quando o povo de Judá tinha acabado de retornar do exílio babilônico para a Terra Prometida. Os deportados que retornaram precisam retomar o ânimo e reorganizar-se. O profeta, apresentando-se como uma boa notícia, anuncia ter sido ungido e enviado como mensageiro da salvação que Deus oferece aos pobres. Na segunda leitura, Paulo orienta a comunidade de Tessalônica para que aguarde a vinda do Senhor com espírito de alegria, louvor e adoração, aberta ao Espírito Santo.

No Evangelho, o evangelista João completa a apresentação de João Batista, lembrada pelos outros evangelistas. Sua breve narrativa confirma que o profeta foi uma voz que veio preparar

as pessoas para acolher a luz do mundo. O Batista acentua não ser nem profeta, nem Moisés, nem Elias, nem o Messias. Ele é apenas a voz que clama no deserto, convidando o povo para preparar o caminho da chegada do Senhor.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 61,1-2a.10-11)

A liturgia deste domingo volta a nos propor um texto do Trito-Isaías, que situa a realidade do povo escolhido na época posterior ao exílio, quando Jerusalém está em fase de reconstrução. Esse texto é expressão da alegria de um povo que acredita na sua renovação. A razão dessa grande alegria é descobrir que Deus está no meio do povo, independentemente de qual seja a situação. O cenário de pós-exílio é de incertezas, são poucos os recursos para retomar a vida. A população da cidade é pouco numerosa, a reconstrução é modesta e lenta; há impérios vizinhos que querem aproveitar-se do momento de fraqueza de Jerusalém para colonizar o povo da terra, mas aos poucos a vida vai se reorganizando.

Em meio às dificuldades para retomar a vida e reconstruir o que foi destruído pela invasão babilônica, surge a voz do profeta que anuncia ter vindo como ungido do Senhor para restaurar os corações atribulados, cuidar dos pobres, proclamar a redenção dos cativos e a liberdade dos prisioneiros. Tudo o que o povo ansiava. A vocação e missão do profeta consistem em pôr-se a serviço da Palavra para animar e encorajar o povo e curar os corações feridos por uma situação tão difícil. O povo volta a celebrar o tempo da graça, da libertação da escravidão imposta pelas dívidas cobradas por seus inimigos. Os destinatários da mensagem profética são todas as categorias de pessoas que mais sofreram com a guerra e o exílio. Para o povo escolhido, ter profetas em seu meio era um grande sinal de que Deus olhou para sua miséria. Por meio de seus mensageiros, Deus continua o cuidado amoroso do resto de Israel; por meio de seus profetas, Deus continua presente na vida de seu povo escolhido.

2. II leitura (1Ts 5,16-24)

Na segunda leitura, o apóstolo Paulo nos convida a viver na alegria da presença do Senhor e dá orientações de como fazê-lo. A comunidade de Tessalônica, como as demais comunidades cristãs da primeira geração, vivia à espera da volta gloriosa de Jesus, a parúsia, como um acontecimento iminente. Nesse contexto, Paulo exorta a comunidade a viver na alegria dessa certeza de que o Senhor um dia virá e, ao mesmo tempo, a buscar a santidade.

Segundo os ensinamentos de Paulo, essa expectativa da vida com Cristo distingue os cristãos como pessoas que têm esperança. A vinda de Cristo será inesperada, não se pode estabelecer quando se dará. Para os cristãos, essa segunda vinda é não só motivo de esperança, mas também a motivação fundamental para o modo correto de vida e edificação da comunidade. Depois dos ensinamentos sobre a segunda vinda do Senhor e de forte convite a esperar vigilantes esse momento final da história humana, Paulo apresenta alguns elementos concretos que os tessalonicenses devem ter sempre em conta e que devem marcar a vivência cristã nesse tempo de espera, deixando-se guiar pelo Espírito Santo.

3. Evangelho (Jo 1,6-8.19-28)

A apresentação joanina de João Batista insere-se na dinâmica permanente do ser humano de encontrar-se entre trevas e luz. A missão conferida ao profeta consiste em ajudar o povo a descobrir a presença escondida do enviado de Deus. O Batista afirma não ser a luz, mas ter vindo a este mundo para dar testemunho da luz, isto é, avivar a percepção de sua existência. Implicitamente, sua missão profética denuncia as obras das trevas.

Visto que a luz é o resplendor da vida, João recebe a missão de apontar a possibilidade de

vida, despertando em todos o desejo por ela e a esperança. Sua missão evidencia que há trevas, mas existe uma luz que não se deixa abafar pela escuridão. Essa luz é Jesus, o enviado de Deus para iluminar as trevas. Então, dar testemunho da luz significa estar em favor da vida. Segundo o Evangelho de João, o primeiro testemunho de que Jesus é o enviado do Pai vem de João Batista. Portanto, seu batismo de água simboliza a ruptura com a treva, ou seja, com a situação mantida pela instituição judaica, cujo centro de poder era o templo de Jerusalém. Jesus, como vida e luz da humanidade, inaugura um novo tempo, eliminando o pecado do mundo.

João Batista revela com clareza sua identidade e missão. Embora tenha sido enviado por Deus, ele não era a luz, não era o Messias. A luz sempre existiu, porque é Deus, enquanto o profeta tem plena consciência de sua natureza humana. Ele, porém, não atua por sua própria iniciativa, e sim em resposta à escolha divina, para concretizar o que Deus lhe confiou. Por não ser a luz, não tem a autoridade e o poder de eliminar as trevas. Ele também compartilha do espírito daqueles que aguardavam a luz da vida e, por isso, reconhece os sinais precursores de sua vinda.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Como anuncia o profeta Isaías, o Deus em quem acreditamos não é indiferente nem compactua com o racismo, a exclusão, a violência, a exploração, o terrorismo, o imperialismo e a prepotência, só para citar alguns males do mundo contemporâneo. É, sim, o Deus dos pobres, dos explorados, dos injustiçados, dos pequenos e abandonados. E como ele atua neste mundo? Chamando pessoas sensíveis à sua presença, que aceitam a missão profética de cuidar daqueles que mais necessitam de sua proteção. E Isaías aceita colaborar com Deus.

Segundo a mensagem de Paulo, o cristão é alguém que ora sem cessar, louva e dá graças, em todas as circunstâncias, pelo dom de Deus, pela sua presença amorosa, pela salvação oferecida. Sabemos encontrar espaços em nossa vida para um compromisso verdadeiro com a causa do Reino de Deus?

A atitude simples e discreta de João Batista é muito sugestiva: ele não procura atrair para si as atenções, não usa de sua missão para a busca de aplausos, honras ou promoção pessoal. Apenas empresta sua voz para dar visibilidade à luz, Jesus Cristo. Como nos pomos a serviço da Palavra, da luz que brilha em meio às trevas de nosso tempo?

4º DOMINGO DO ADVENTO

20 de dezembro

"Faça-se em mim segundo a tua palavra!"

I. INTRODUÇÃO GERAL

As leituras da liturgia deste domingo apresentam a profecia do "Emanuel, Deus-conosco" e seu cumprimento no anúncio do anjo Gabriel a Maria. Na catequese permanente que é a liturgia, esse programa de leituras permite uma reflexão sobre o mistério da encarnação, já anunciado nos escritos proféticos veterotestamentários. O projeto de vida plena e de salvação definitiva anunciado outrora pelos profetas agora se torna uma realidade concreta, tangível e plena com a chegada de Jesus.

A primeira leitura fala da promessa ao rei Davi, feita por meio do profeta Natã, de que Deus não abandonará seu povo nem desistirá de conduzi-lo até a realização de felicidade plena. Por isso, Deus colocará no trono de Davi um descendente que cuidará da casa de Israel. A segunda leitura chama esse projeto de salvação de mistério. Paulo nos lembra que as profecias revelam o modo de agir de Deus. Por sua vez, a narrativa lucana da anunciação põe em evidência o momento em que Jesus se encarna na história da humanidade a fim de trazer a salvação e a vida para todos. Pelo sim de Maria se concretiza o projeto de Deus,

e também nós somos chamados a dizer sim a Deus para continuar a missão de levar Jesus Cristo ao mundo inteiro.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (2Sm 7,1-5.8b-12.14a.16)

Os livros de Samuel retratam o período de constituição do Estado de Israel, quando se faz a passagem do modelo tribal para a monarquia. Esse processo ocorreu no final do século XI e início do século X a.C. As tribos do Norte e do Sul tiveram um único rei para governar todo o povo. Até esse ponto de sua história, Israel tinha aparentemente sido privado de instituições políticas e militares, sendo governado por juízes escolhidos pelas tribos. Com o surgimento da monarquia, aconteceu uma mudança radical na vida de Israel, que se compreendia como povo governado por Deus.

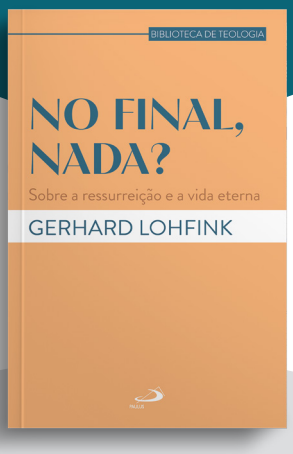
O texto deste domingo reflete o pensamento daqueles que desejaram a monarquia e trabalharam para isso. Com a escolha de um rei, constitui-se uma dinastia, mas não um trono para o Senhor Deus. Davi não construirá o templo para o Senhor, apenas um palácio para si. Sua dinastia falhou em fazer o que Deus aprova. Tantos outros reis de Israel não cumpriram com seu papel de defender o projeto de Deus e dele cuidar. Somente o Messias enviado irá construir o Reinado de Deus para sempre; isto é, somente Jesus consegue estabelecer o cuidado amoroso, como verdadeiro Pastor do povo escolhido para sempre, porque seu Reinado não pertence a este mundo.

Davi teve muitas conquistas, entre as quais a cidade de Jerusalém, que pertencia aos jebuseus. Mais tarde, a arca da Aliança foi colocada no templo de Jerusalém. O rei ampliou fronteiras e trouxe certa estabilidade, graças a um grande investimento militar. Daí nascem as esperanças de um futuro rei que viria governar Israel de modo semelhante, trazendo estabilidade ao povo e restaurando a paz, que foi quebrada por inúmeras batalhas e guerras

NO FINAL, NADA?

SOBRE A RESSURREIÇÃO E A VIDA ETERNA

Gerhard Lohfink



Com linguagem clara e profundamente espiritual, o autor convida o leitor a refletir sobre a questão mais decisiva da existência humana: o que acontece depois da morte? A publicação mostra que a vida eterna é não apenas um acontecimento futuro, mas também uma realidade que começa agora, na comunhão com Deus.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

fomentadas pelas disputas de poder políticas, econômicas, culturais e religiosas.

2. II leitura (Rm 16,25-27)

A leitura, tomada da carta aos Romanos, é um hino a Jesus Cristo como o Filho de Deus. Trata-se de uma compreensão profunda sobre o plano de salvação, que a comunidade chama de mistério. Mantido em segredo por muitos séculos, esse mistério foi plenamente revelado em Jesus Cristo, por meio de seus gestos, de suas palavras e, sobretudo, de sua morte e ressurreição. Tal mistério, revelado aos apóstolos e discípulos de Jesus Cristo pelo Espírito Santo, agora é transmitido pela Igreja a todos os povos.

A palavra "mistério" diz respeito às coisas que não se explicam pela ciência. São sinais a serem contemplados. Na teologia de Paulo, quer dizer que Deus não precisa justificar, diante de nossos critérios científicos, seu modo de agir. Contemplar os mistérios de Deus não é alienação, tampouco significa recusa da sabedoria científica. O nascimento de Jesus faz parte do mistério da salvação. O amor de Deus pela humanidade só se explica pelo mistério de nos amar de modo incondicional, não porque merecemos, mas simplesmente porque seu amor por nós é infinito. Esse amor não se apagou no decorrer da história; pelo contrário, chegou à plenitude em Jesus Cristo.

3. Evangelho (Lc 1,26-38)

A narrativa lucana do nascimento de Jesus trata do cumprimento da promessa de Deus de que enviaria um descendente da casa de Davi para conduzir seu povo. Jesus é concebido sob a ação do Espírito Santo. José era descendente remoto de Davi, e Maria, descendente da casa de Aarão, o primeiro sacerdote do povo escolhido, do qual descende a tribo de Levi, consagrada para o serviço exclusivo do culto a Deus. Maria se apresenta como a serva do Senhor, que aceita colaborar com o plano divino mediante seu sim ao anjo Gabriel.

O anúncio do nascimento de Jesus, segundo Lucas, é o grande sinal de que Deus recorda sempre de sua Aliança; ele continua a enviar mensageiros para levar adiante seu plano de salvação. O nascimento de João Batista foi extraordinário, por ele ter sido concebido por pais idosos; o de Jesus é ainda mais extraordinário, por ele ter sido gerado por uma virgem. A figura de Gabriel vincula as anunciações e convida à reflexão sobre o significado do nascimento de Jesus como cumprimento das Escrituras. Maria é mulher de grande fé, e o evangelista Lucas a propõe como modelo de fiel temente a Deus. Ela questiona o anjo acerca de como poderia ser a mãe de Jesus, mas não questiona por que Deus a escolheu. Sua resposta de fé é de completa confiança em Deus.

Maria teve um papel muito importante na história da salvação. O relato termina com sua resposta final: "Eis aqui a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra". Afirmar-se como serva significa, além de humildade, reconhecer-se como uma pessoa eleita por Deus para servi-lo. Isso implica que Deus lhe concede uma missão específica. Na longa tradição bíblica judaica, o termo "servo(a) do Senhor" é título reservado às pessoas escolhidas por Deus. Assumir a condição de servo(a) significa entender-se como alguém reservado pelo Senhor para seu serviço, como alguém enviado por Ele ao mundo para uma missão especial. Desse modo, Maria reconhece que Deus a escolheu, aceita sua missão com disponibilidade e manifesta total disposição para cumprir, com fidelidade, o projeto divino para sua vida.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

As leituras da liturgia apresentam modelos de pessoas que se põem a serviço do povo de modos diferentes. O rei Davi, inicialmente pastor, assume a responsabilidade de governar o povo escolhido. Embora desejasse fazer um bom governo, acabou se distanciando de Deus. Cometeu erros graves por vaidade e ambição, fazendo o que Deus reprova. Maria

e Paulo põem-se a serviço de Deus e do povo em outra perspectiva. Eles se dispuseram a colaborar na missão que o próprio Deus lhes confiou.

Neste domingo que precede o Natal de Jesus, Maria mostra como é possível dar Jesus ao mundo inteiro: mediante um sim incondicional ao chamado do Senhor. Deus continua a nos chamar e espera que, por meio de muitos de nossos sins, da nossa disponibilidade e entrega, Jesus possa ser oferecido a todas as pessoas de todos os tempos. Maria, Paulo, os apóstolos são colaboradores da obra salvífica de Deus, assim como todo discípulo e discípula que se dispõem a oferecer Jesus aos irmãos e irmãs, particularmente aos pobres, humildes, infelizes, marginalizados e todas as categorias de pessoas que necessitam do nosso serviço para terem vida mais digna e plena. O Natal do Senhor é oportunidade anual para um gesto de solidariedade e amor fraterno.

NATAL DO SENHOR

24 de dezembro – Missa da noite

Nasceu-vos hoje um Salvador, o Cristo Senhor!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia desta noite nos fala de um Deus que se faz muito próximo de nós, porque nos ama de modo muito concreto. Não é um amor só de palavras, mas amor capaz de grandes gestos de doação; amor que supera as barreiras existentes entre a divindade e o ser humano. Jesus se encarna na realidade humana com todas as consequências. Deus não nos deixa órfãos, perdidos ou abandonados. Envia um menino, que é luz para todas as nações. Ele é o portador da verdadeira paz.

Na primeira leitura, o profeta Isaías anuncia a chegada de um menino da descendência de Davi, dom de Deus para toda a humanidade. O Emanuel, Deus-conosco, vem para eliminar todas as formas de divisões, guerras, ódio, sofrimentos, e inaugurará um novo tempo, marcado pela paz e pela alegria. A segunda leitura nos aponta caminhos para viver uma vida cristã autêntica e comprometida. A exemplo de Jesus Cristo, nossa morada neste mundo é passageira. Por isso, somos convidados a trabalhar pelos valores que não passam.

O Evangelho apresenta a realização da promessa profética: em Belém de Judá, nasceu um menino, o Príncipe da paz. Deus vem ao encontro do ser humano, sobretudo dos que mais sofrem, dos mais abandonados. Na simplicidade de uma criança, Deus oferece sua proposta de salvação; não pela força, mas pelo amor e ternura.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 9,1-6)

O texto de Isaías anuncia o nascimento de um príncipe real, que significou uma esperança para o povo abalado pelas invasões assírias por volta do ano 730 a.C. Seu nascimento trouxe a esperança de que Israel teria um soberano para governar a terra. Por isso, o profeta descreve esse grande acontecimento em forma de oráculo. O menino aqui referenciado, da descendência de Davi, está relacionado com as esperanças messiânicas da chegada do Emanuel, alimentada pelos profetas.

Na realidade, a situação do povo era de opressão, de frustração, de desespero, de falta de perspectivas, pois estava subjugado ao poder violento de forças estrangeiras. Nesse cenário, de repente aparece uma luz e acende-se uma esperança, que faz o povo se alegrar. O profeta Isaías descreve, de forma alegórica, que a comunidade desanimada estava caminhando nas trevas, nas sombras da morte, mas eis que surge uma luz. Essa imagem sugestiva assemelha-se à festa das colheitas, quando o povo se reunia para celebrar a abundância dos alimentos, num momento de júbilo.

O oráculo de Isaías descreve a transformação de uma realidade caótica em uma nova

ordem. Isso porque Deus envia um menino, com a missão de resgatar o direito e a justiça. Os títulos atribuídos a ele são dons divinos: Conselheiro admirável, Deus forte, Pai eterno, Príncipe da paz. Ele é dom de Deus para a vida de seu povo.

2. II leitura (Tt 2,11-14)

A carta a Tito é uma das cartas pastorais, endereçada ao herdeiro de Paulo no cuidado pastoral da comunidade de Creta. Tito se converteu ao cristianismo mediante a pregação de Paulo. O texto escolhido para esta liturgia fala da alegria da salvação, do momento novo que começou com o nascimento de Jesus Cristo. O verdadeiro centro e coração de toda carta são as razões que seu autor aponta para uma vivência cristã autêntica e comprometida. A primeira razão é o amor, a graça de Deus que foi oferecida a todas as pessoas. É esse amor que possibilita a renúncia a toda forma de hostilidade, ao orgulho, à prepotência, e a busca por justiça, solidariedade, compaixão, enfim, por uma vida nova em Cristo.

Na perspectiva da carta, o nascimento de Jesus Cristo envolve a todos nós, uma vez que é uma manifestação da bondade de Deus, nosso salvador. Enviar seu Filho amado ao mundo é a maior expressão de seu amor à humanidade. A leitura destaca a gratuidade divina: Deus não nos salvou por causa de nossos atos de justiça, mas por sua misericórdia, que se tornou presente em nós pelo Espírito Santo recebido no batismo, sinal da vida nova em Jesus Cristo.

3. Evangelho (Lc 2,1-14)

Ao narrar o nascimento de Jesus, o evangelista Lucas é o mais preocupado em oferecer as informações históricas desse acontecimento central para as comunidades cristãs. Ele situa esse evento tão importante no espaço e no tempo. Desse modo, dá a entender que estamos diante de um fato real, e não lendário, pois é algo que faz parte da história da humanidade. No entanto, algumas informações históricas são imprecisas, pelo fato de Lucas ter sido um cristão de origem grega que não viveu na Palestina no tempo em que Jesus exerceu seu ministério público. Exemplo dessa asserção é a referência ao recenseamento que teria sido ordenado pelo governador Quirino no ano em que Jesus nasceu. Parece que esse evento ocorreu, na verdade, alguns anos depois, quando Quirino foi nomeado governador da Síria pelo imperador romano. De qualquer forma, Lucas teve essa preocupação de situar o nascimento de Jesus na real história da Palestina.

A primeira informação é a respeito do lugar do nascimento de Jesus. Belém de Judá tem um sentido mais teológico que geográfico. A cidade de Belém é mencionada nas Escrituras como o lugar de onde virá o Salvador, pois o Messias seria um descendente da casa de Davi, da terra de Judá. Lucas descreve também, com pormenores, a pobreza e a simplicidade que rodeiam a vinda de Jesus. A ausência de lugar na hospedaria, o local improvisado para seu nascimento, próximo de animais, a visita dos pastores, tudo isso retrata que ele vem na humildade, na simplicidade e na pobreza. O modo como Deus oferece a salvação à humanidade foge dos esquemas humanos, fundados no aparato do poder, na força das armas, no dinheiro e em muita propaganda publicitária. Deus vem ao encontro do ser humano no silêncio, na ternura de um menino nascido em absoluta pobreza.

Uma terceira informação que Lucas oferece, na narrativa do nascimento de Jesus, é a visita dos pastores, como testemunhas desse grande evento. Esse grupo de pessoas era desprezado pela sociedade de seu tempo porque, muitas vezes, tinha apenas os rebanhos, mas não possuía terra e, durante a noite, conduzia as ovelhas para pastarem em terra alheia. Por isso, eles eram considerados pecadores, como os cobradores de impostos. Então, para eles, a chegada de um Messias nascido em seu meio foi uma grande notícia e motivo de grande alegria. Quando os anjos anunciam que nasceu

o Salvador, os pastores se apressam em visitá-lo. Esse título era atribuído ao imperador romano, mas Lucas inverte a história para anunciar que o único Salvador é Jesus Cristo.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

No seu conjunto, as leituras desta liturgia nos apresentam Jesus como o menino que dá sentido às profecias de Isaías, como aquele que vem dissipar as trevas, as sombras da morte, com sua luz, instaurando um mundo de paz, justiça e amor. Contemplar o presépio nos leva a pensar que a lógica de Deus não corresponde à lógica do mundo, a qual se fundamenta, muitas vezes, em encontros entre alguns poucos poderosos, que tomam grandes decisões, de impacto para muitos. Deus vem ao encontro da humanidade na fragilidade, na ternura de uma criança recém-nascida.

Podemos nos interrogar: Qual lógica norteia minha vida? A celebração do nascimento de Cristo nos anima a acolher concretamente a proposta evangélica que ele oferece ao mundo? Como lidamos com situações de violência, discriminação, indiferença... e com todas as obras e atitudes que são trevas?

NATAL DO SENHOR

25 de dezembro – Missa do dia

A Palavra se fez carne e habitou entre nós!

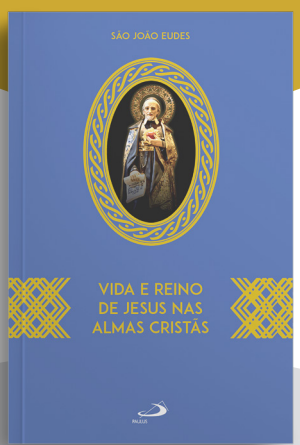
I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia do dia de Natal nos convida a contemplar a misteriosa transparência da ternura divina na condição simples e humilde do menino Jesus na manjedoura de Belém. As celebrações da aurora e do dia realçam a grandeza do Filho do Altíssimo, que deixa sua condição divina e assume a natureza humana. Pela sua encarnação, Jesus se torna a Palavra que veio habitar entre nós.

Na primeira leitura, o profeta Isaías anuncia a chegada do Deus libertador. Essa é uma boa

VIDA E REINO DE JESUS NAS ALMAS CRISTÃS

São João Eudes



O livro é um convite para o leitor contemplar a presença viva de Jesus não apenas nos Evangelhos, mas sobretudo no íntimo das almas cristãs. São João Eudes mostra que a vida interior com Cristo é fonte de paz, de aliança com Deus e de luz para o mundo. Trata-se de um chamado à entrega total, à contemplação e ao amor vivo.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

APOLOGIA DOS POBRES CONTRA O CALUNIADOR

São Boaventura



Escrito por São Boaventura nos idos de 1269, trata-se de um dos textos mais significativos do ***corpus*** polêmico franciscano, no qual o ministro-geral dos Frades Menores responde às acusações dirigidas contra os mendicantes, especialmente contra a pobreza voluntária, que constituía o núcleo de sua forma de vida. O texto tornou-se uma chave de leitura para compreender a teologia franciscana.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

notícia de caráter universal. A alegria toma conta das pessoas, e até a natureza participa desse acontecimento; o Príncipe da paz passa pelos montes e chega à nova Sião, símbolo de Jerusalém, que é reconstruída com sua chegada. A segunda leitura lembra que as palavras provisórias dos profetas se tornam Palavra definitiva em Jesus Cristo, a plena manifestação de Deus.

O Evangelho, tomado do prólogo de João, proclama que na terra brilhou uma luz, anunciando que a Palavra de Deus se tornou existência humana. Assim como, na primeira criação, tudo começa com a luz que ilumina as trevas, a inauguração de um novo tempo anuncia a chegada de Jesus como a luz que veio iluminar as trevas, completando a obra da criação.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Is 52,7-10)

O povo escolhido constatou, em sua história, que seus reis não lhe trouxeram a salvação, mas Deus não o abandona. Ele reconstrói a cidade de Jerusalém, que estava em ruínas depois de ter sido sediada pelo Império da Babilônia. Assistir à destruição da cidade, já não ter o templo sagrado, ver a morte de tantas pessoas e a miséria causada pela guerra provocou um sentimento de desalento e de abandono.

O texto deste domingo, escrito por um profeta anônimo do círculo profético de Isaías, traz uma mensagem de esperança e consolação, expressando a confiança em que o Senhor não abandona seus escolhidos. Ele, o Deus que continuamente liberta seu povo, suscita novas lideranças para reerguer e conduzir Israel. O profeta convida a comunidade dos fiéis a tirar uma lição da história. Nenhuma situação de sofrimento durou para sempre, e, quando o povo escolhido se encontrava nas situações mais difíceis, Deus interveio de modo surpreendente para libertá-lo. Por isso ele garante que a cidade de Jerusalém, que agora se encontra em ruínas, será reconstruída, e seus habitantes experimentarão a paz que haverá de chegar.

2. II leitura (Hb 1,1-6)

A autoria da carta aos Hebreus é desconhecida, e seus destinatários são denominados apenas hebreus. É possível que seu autor tenha escolhido essa forma para se dirigir a todos os cristãos de origem judaica. Ele retrata a real situação dos cristãos que estão vivendo em uma situação difícil por causa da fé em Jesus Cristo. Em razão de sua fidelidade à fé, os discípulos foram expostos a perseguições, sofrendo hostilidades pelo simples fato de constituírem uma minoria que manteve sua identidade religiosa como cristãos.

O tema do texto escolhido para a liturgia é a manifestação de Deus por meio da sua Palavra. A leitura alude ao projeto salvífico de Deus, expresso na sua Palavra nas Escrituras. O autor recorda que outrora Deus falou por meio de porta-vozes, como os profetas e líderes do povo, mas, por último, falou por meio de seu Filho, Jesus Cristo. Ele é a Palavra plena, definitiva e perfeita mediante a qual conhecemos o caminho da salvação. Sendo a Palavra última e definitiva, deve ser escutado pelos seus discípulos e discípulas, pois é o caminho mais seguro para chegar à vida nova que o Pai propõe.

3. Evangelho (Jo 1,1-18)

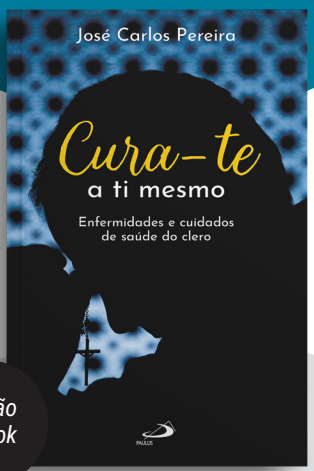
O prólogo do Evangelho segundo João é verdadeiro hino à Palavra de Deus que se fez carne e veio habitar entre nós. O centro de sua mensagem é a Palavra criadora, que entra na história humana e provoca reações entre os que a aceitam e os que a rejeitam. O conteúdo dessa unidade central ressalta que a Palavra já existia desde o princípio. Nela já estava contido o projeto de vida, e ela era a luz que iluminava todas as criaturas. Portanto, acolhê-la significa escolher o amor e seu projeto de vida.

Ao usar a expressão "no princípio", João estabelece uma relação entre o nascimento de Jesus e a criação do mundo, oferecendo uma linha de interpretação de toda a Escritura. Em sua visão teológica, com o nascimento de Jesus, a obra da criação chega à sua plenitude. Se Jesus

CURA-TE A TI MESMO

ENFERMIDADES E CUIDADOS DE SAÚDE DO CLERO

José Carlos Pereira



Versão E-Book

Resultado de uma pesquisa de campo com aproximadamente dois mil padres, o livro trata de diversas questões que cercam a vida do sacerdote em relação à sua saúde física e mental. É um alerta para a necessidade de cuidar daqueles que cuidam, uma vez que, apesar da sagrada missão, são pessoas comuns, passíveis de adoecimento.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

POLIEDRO E AMIZADE SOCIAL

CONTRIBUIÇÕES DO PAPA FRANCISCO À DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA

Miguel Ángel Barrios



Versão E-Book

O autor apresenta uma seleção de palavras-chave que fazem parte do pensamento teológico-moral do papa Francisco, temas que adentraram as discussões concernentes à Doutrina Social da Igreja, tais como cultura do descarte e cultura do encontro; princípios e fundamentos da ecologia integral; globalização, individualismo, a urgência da revolução cultural, poliedro e amizade social, entre outros.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

precede a própria obra da criação, é porque ele é Deus e estava junto do Pai antes de vir a este mundo. Ao atribuir o título de Palavra a Jesus Cristo, João assume a ideia – cujos ecos já se fazem presentes na literatura sapiencial do Antigo Testamento – de que ele é a sabedoria de Deus, que agora toma forma humana visível e a qual todos podem contemplar.

De fato, na primeira narrativa da criação, Deus criou todas as coisas por meio de sua palavra. O verbo "criar", em João, indica comunicação da vida divina. Então, essa vida divina é compartilhada com todos aqueles e aquelas que acolhem essa Palavra. Vida e luz, para João, estão intimamente ligadas, pois é a luz que torna a vida perceptível. A luz serve de orientação e guia para a humanidade. O Natal é, para nós, a celebração dessa Palavra, que vem ao nosso encontro para ser luz e vida para todos nós.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Todas as leituras deste dia nos convidam a contemplar, no presépio, a Palavra que veio habitar entre nós. Jesus menino, em sua fragilidade e ternura, é expressão extrema e sem limites do amor trinitário. O Deus Pai que nos cria, junto ao Espírito que, com sua força, concebe o Filho, tem seu projeto de salvação para toda a humanidade.

A Palavra que é luz e vida vem ao nosso encontro. Acolhê-la significa permitir que Jesus transforme nossa vida, a fim de que tenhamos vida plena e sejamos, também nós, um raio de luz para todos os que nos rodeiam. Nossa realidade, assim como era a dos contemporâneos de Jesus, é permeada de trevas, de mentiras, de violência, de exploração de pessoas vulneráveis, pobres. Como podemos ser portadores da Palavra de vida e de luz para transformar essas realidades de nosso tempo? O menino Jesus, que contemplamos no presépio, é Palavra de vida eterna, mas convivemos com tantas outras palavras. Quais palavras nos aproximam e quais nos afastam da Palavra que se fez carne e veio habitar entre nós?

SAGRADA FAMÍLIA DE JESUS, MARIA E JOSÉ

27 de dezembro

Quem honra a família acumula tesouros nos céus!

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste domingo nos fala da missão da família de Jesus como modelo para todas as famílias cristãs. A exemplo de Maria, José e Jesus, que constituíram uma família na qual cada um se pôs a serviço do Reino de Deus, todas as famílias são convidadas a se porem a serviço de Deus e dos irmãos e irmãs.

A primeira leitura situa-nos na ética familiar do povo de Jesus, realçando o dever dos filhos para com os pais, sobretudo em sua idade avançada, quando precisam de maiores cuidados. A segunda leitura sublinha a dimensão do amor, que deve brotar naturalmente dos gestos de quem se coloca no caminho do discipulado do Senhor. A vida nova em Cristo nos insere nessa dinâmica, que começa no espaço familiar e se estende ao âmbito da comunidade de fé, traduzindo-se em atitudes de compreensão, bondade, respeito, partilha e serviço.

O Evangelho narra a apresentação de Jesus no templo. A cena descreve uma família que escuta a Palavra de Deus, procura concretizá-la em sua vida, preserva as tradições religiosas mais importantes e consagra a Deus seu filho. Maria e José se encontram com dois anciãos tementes a Deus: Simeão e Ana. Esses dois profetas visionários são capazes de perceber os sinais divinos no menino Jesus e louvam a Deus por poderem testemunhar sua presença libertadora no meio do povo.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

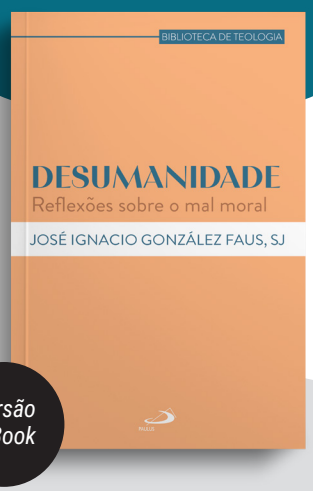
1. I leitura (Eclo 3,3-7.14-17a)

O livro de Ben Sirac, também denominado Eclesiástico, pertence ao gênero literário sapiencial, cujo objetivo é conduzir os leitores

DESUMANIDADE

REFLEXÕES SOBRE O MAL MORAL

José Ignacio González Faus, sj



Versão E-Book

Neste livro, González Faus discute as variadas representações e linguagens relacionadas à noção de pecado, investigando as diferentes dimensões do mal humano: pessoal, estrutural, original e teologal. Em sua história, muitas vezes o ser humano desceu para a própria negatividade dos seus níveis de humanidade, tornando nosso mundo um vasto campo de sofrimento.

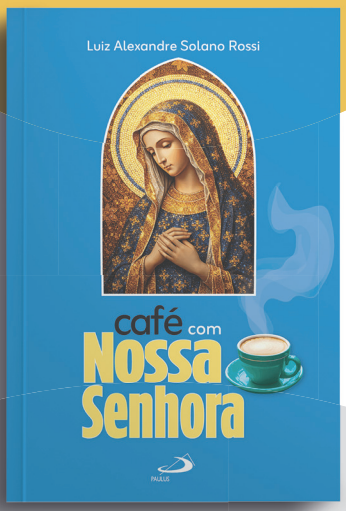
ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

CAFÉ COM NOSSA SENHORA

Luiz Alexandre Solano Rossi



Com breves reflexões diárias, frases sapienciais, versículos bíblicos e preces, este livro oferece um caminho acessível para a oração cotidiana, ajudando a transformar a rotina em encontro com Deus. Trata-se de um devocional para quem deseja fortalecer a fé e aprofundar sua amizade com o Senhor na companhia de Nossa Senhora.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

e ouvintes no caminho da sabedoria que vem da meditação e da prática da Lei de Deus. O livro contém um conjunto de indicações da arte de viver com sabedoria. Essa obra é atribuída a Ben Sirac, um sábio israelita que viveu por volta do século II a.C. O texto proposto para a liturgia desta festa fala do amor prático pelos pais como uma regra para bem viver em sociedade de geração em geração, pois, em conformidade com o ciclo natural da vida, os jovens um dia se tornarão idosos e precisarão dos cuidados de seus filhos ou dos membros mais jovens da família. Em suma, a leitura trata da observância do quarto mandamento do Decálogo, com exemplos concretos da vida. Ben Sirac instrui a comunidade dos fiéis em um contexto em que a convivência com os selêucidas, que governavam a Palestina, trouxe costumes estrangeiros para o meio do povo. Essa influência cultural provocou mudanças na tradição judaica, e muitos judeus se sentiram atraídos pela cultura grega, abandonando os valores tradicionais, fundamentados na prática do Decálogo. É nesse contexto que o livro do Eclesiástico convida a comunidade dos fiéis a conservar os valores de sua tradição religiosa, pois nisso consiste viver com sabedoria, preservando sua identidade religiosa e cultural.

2. II leitura (Cl 3,12-21)

A segunda leitura, tirada da carta destinada à comunidade de Colossas, é um belo texto sobre o amor que deve reinar no seio da comunidade cristã, como uma família de amor. A comunidade dos fiéis de Colossas foi fundada por Epafras, companheiro de missão de Paulo, por volta do ano 56/57 d.C. Uma das grandes dificuldades dessa comunidade era a influência de certas doutrinas pagãs, que faziam especulações acerca de cultos oferecidos a anjos e seus papéis na salvação das pessoas. O sincretismo religioso trouxe muitos conflitos e dúvidas para os novos membros da comunidade. Por isso, sem refutar essas doutrinas, o autor da carta afirma a absoluta suficiência da fé em Jesus Cristo como caminho de salvação.

O texto exorta a comunidade dos colossenses a se revestir dos sentimentos de novas criaturas em Cristo, adotando um estilo de vida expresso em um conjunto de virtudes evangélicas, como mansidão, bondade, misericórdia, paciência. Essas virtudes fazem parte do modo de vida do cristão, e o perdão é outra exigência fundamental para todos os batizados. Todas essas exigências se fundamentam na íntima relação com Cristo, pois viver nele implica inspirar-se em seu modo de vida. Cristo, sendo de condição divina, fez-se servo de todos. Por isso, as recomendações aos esposos e aos filhos são as atitudes de quem vive o amor em todas as suas relações. É desse modo que, no ambiente familiar, se manifesta a nova criatura, o ser humano transformado por Cristo e que vive segundo Cristo.

3. Evangelho (Lc 2,22-40)

A narrativa da apresentação de Jesus no templo liga-se às exigências da Lei mosaica, que prescrevia resgatar, por um sacrifício, todo filho primogênito. Simbolicamente, resgatava-se o filho mediante um sacrifício oferecido no templo. De acordo com o livro do Levítico (Lv 12,2-8), quarenta dias após o nascimento do filho primogênito, a criança deveria ser apresentada no templo, onde a mãe ofereceria um ritual de purificação. Para os pais pobres, como era o caso de José e Maria, esse sacrifício podia ser um par de rolinhas.

Maria e José encontram-se com Ana e Simeão, judeus piedosos que assiduamente frequentavam o templo para fazer suas orações. Nesse encontro, Simeão anuncia a Maria que seu filho passará por sofrimentos e será um sinal de contradição. Ele prediz que a missão de Jesus comportará sofrimentos. O gesto de Maria e José de apresentar seu filho a Deus nos ajuda a compreender a missão dos pais cristãos de consagrar os filhos a Deus e inseri-los em uma comunidade de fé, para que possam, no futuro, participar da missão da Igreja. A família é o lugar da primeira experiência de fé; é no seio familiar que as crianças recebem a primeira

SERMÕES SOBRE OS SANTOS

São Boaventura



Esta obra é uma cuidadosa compilação dos sermões proferidos por São Boaventura em honra de alguns santos celebrados ao longo do ano litúrgico. O Doutor Seráfico une, como poucos, o rigor da filosofia escolástica, a riqueza da teologia mística e o zelo pastoral de um grande pregador.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br

catequese. A educação familiar tem um papel muito importante na formação das crianças, para que, na idade adulta, sejam pessoas que contribuam para a sociedade e para a Igreja. A leitura do Evangelho proposta para este domingo termina com uma referência ao resto da infância do menino Jesus, afirmando que ele crescia em graça e sabedoria. Sua missão neste mundo foi cumprir a vontade do Pai, pondo sua vida a serviço do plano salvífico de Deus.

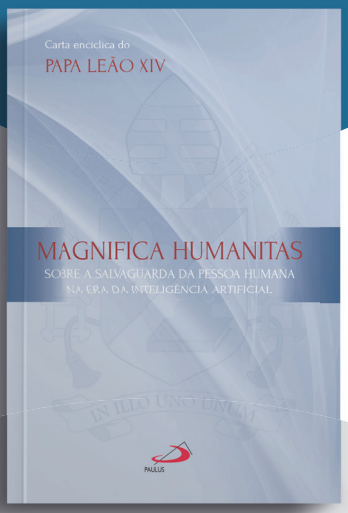
III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Na tradição religiosa judaica, todo primogênito deveria ser consagrado ao Senhor. Maria e José são fiéis observantes das tradições de seu povo, por isso cumprem todos os preceitos e costumes de pessoas tementes a Deus. Eles assumiram com fidelidade as exigências da missão de pai e mãe. Na festa da Sagrada Família, a Igreja recorda a todas as famílias quanto é importante se preocupar com a educação integral das crianças, a qual inclui a educação para os valores cristãos e sua prática. Seguindo o exemplo da Família de Nazaré, podemos interrogar-nos: no seio de nossas famílias, existe uma preocupação com a formação para a fé e em proporcionar aos filhos verdadeira educação para a vida cristã e para a prática dos valores evangélicos? Nossas famílias assumem o papel de serem as primeiras catequistas das crianças ou delegam essa responsabilidade à comunidade cristã? A Sagrada Família esteve sempre atenta aos apelos de Deus e se empenhou cuidadosamente em observar os preceitos do Senhor. O evangelista Lucas faz notar como Maria e José cumpriram, em todos os detalhes, os preceitos da Lei. Em primeiro lugar, eram pessoas atentas aos apelos de Deus, por isso responderam com fé, para assumir a missão tão especial que Deus lhes confiou. Qual é a importância da Palavra de Deus em nossas famílias? Encontramos, como família, tempo para nos reunirmos em torno da Palavra de Deus? Esforçamo-nos para que cada membro de nossa família cresça na sensibilidade à Palavra de Deus e aos seus desafios?

MAGNIFICA HUMANITAS

Carta Encíclica sobre a salvaguarda da pessoa humana na era da inteligência artificial

Papa Leão XIV

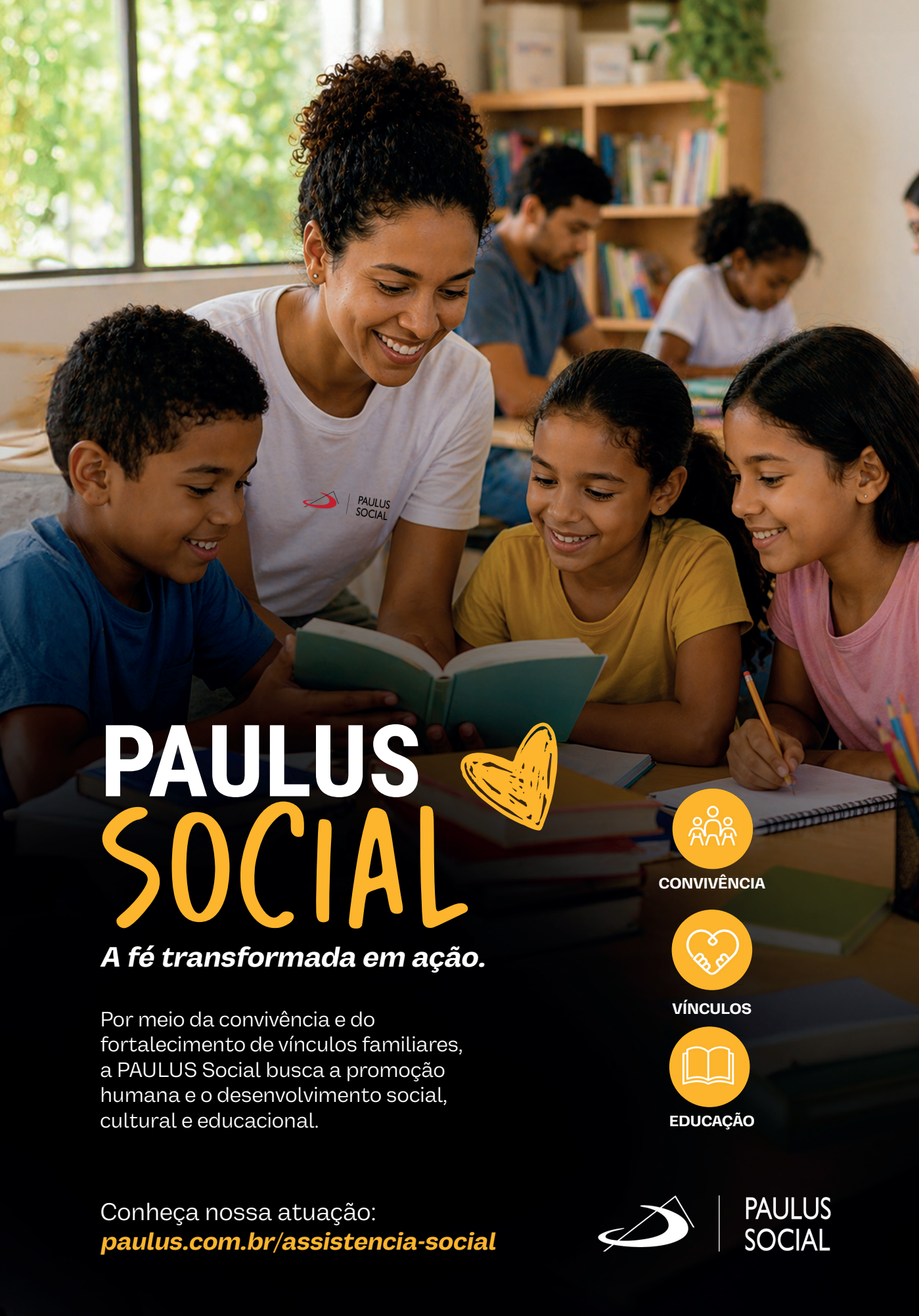


O papa Leão XIV apresenta *Magnifica Humanitas*, sua primeira encíclica, na qual reflete sobre os desafios da humanidade na era da inteligência artificial e sobre a defesa da dignidade da pessoa humana. Trata-se de um chamado urgente para que não percamos nossa própria magnificência e o mundo possa reconhecer, no coração do ser humano, o lugar onde Deus deseja habitar.

ADQUIRA JÁ

Vendas: (11) 3789-4000
0800 016 40 11

loja.paulus.com.br



PAULUS SOCIAL

A fé transformada em ação.

Por meio da convivência e do fortalecimento de vínculos familiares, a PAULUS Social busca a promoção humana e o desenvolvimento social, cultural e educacional.

CONVIVÊNCIA

VÍNCULOS

EDUCAÇÃO

Conheça nossa atuação:
paulus.com.br/assistencia-social

PAULUS SOCIAL

Natal Solidário

Paulus 2026



Neste Natal, viva o verdadeiro sentido do nascimento de Cristo.

Faça parte da iniciativa Natal Solidário em uma **PAULUS Livraria perto de você!**

Doe um livro e abra um mundo de possibilidades para crianças e adolescentes.

Faça sua doação

entre **1º de outubro** e **19 de dezembro.**

PAULUS

loja.paulus.com.br
(11) 3789-4000 | 0800 016 40 11
vendas@paulus.com.br
@editorapaulus

VISITE NOSSAS LIVRARIAS